

Convergência

MAIO • 2017 • ANO LII

501

Revista da Conferência
dos Religiosos do Brasil – CRB
ISSN 0010-8162



CRB

Convergência ISSN 0010-8162

Diretora: Irmã Maria Inês Ribeiro, mad
Editor: Irmão Lauro Daros, fms
Redatora: Irmã Maria Aparecida das Dores Silva, fsp – MTb 3773/DF

Conselho Editorial: Frei Moacir Casagrande, ofmcap
Irmã Helena Teresinha Rech, sst
Irmã Vera Ivanise Bombonato, fsp
Jaldemir Vítório, sj
Irmã Nivalda Milak, fdz

Projeto gráfico: Manuel Rebelato Miramontes
Diagramação: Marília da Silva Ferreira
Revisão: Letícia Figueiredo e Renato Thiel
Impressão: Editora Gráfica Ipiranga
Ilustração da capa: Irmã Patrícia Souza da Silva

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
SDS, Bloco H, n. 26, sala 507 – Ed. Venâncio II
70393-900 - Brasília - DF
Tel.: (61) 3226-5540 - Fax: (61) 3225-3409
E-mail: crb@crbnacional.org.br
www.crbnacional.org.br
Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas
do PDF sob o n. P. 209/73



EDIÇÕES CNBB
SE/Sul Quadra 801 - Cj. B - CEP 70200-014
Fone: 0800 940 3019 / (61) 2193-3019
Fax: (61) 2193-3001
E-mail: vendas@edicoescnbb.com.br
www.edicoescnbb.com.br

Sumário

Editorial

Simplesmente Maria	5
--------------------	---

Mensagem do Papa

Doze ensinamentos do Papa Francisco sobre Nossa Senhora	8
---	---

Mensagem de Dom Sérgio da Rocha

O Ano Nacional Mariano (Ano Mariano e vida religiosa consagrada) DOM SERGIO DA ROCHA	10
--	----

Mártires/Santos

Madre Cecília, a mãe dos necessitados DOM ORANI JOÃO	13
---	----

Informes

Simplesmente Maria PE. ALFREDO J. GONÇALVES, CS	18
--	----

Nosso modo de trabalhar PE. ADROALDO, SJ	20
---	----

A memória gera fidelidade Missão salvatoriana no Brasil - Ação de graças ROZILDE MARIA BINOTTO, SDS	23
--	----

Artigos

Cuidado de si e do outro na Vida Religiosa Consagrada e Presbiteral ELISMAR ALVES DOS SANTOS, CSSR	28
---	----

Vida Religiosa Consagrada em uma sociedade pós-cristã PE. VICENTE DE PAULA FERREIRA	40
--	----

Ó profundidade da sabedoria de Deus: Tu unes os opostos e invertes nosso pensar! Por uma Teologia da Reciprocidade FREI JOHANNES GIERSE	51
---	----

Maria na <i>Laudato Si'</i> PROF. IR. ANDRÉ LUIZ OLIVEIRA – CSSR	69
---	----

Simplemente Maria

Maio, mês de Maria, é tempo especial de encontrar na Mãe o jeito simples e fácil de seguir Jesus Cristo, que passou a vida amando, fazendo o bem e anunciando o Reino. Atitudes de simplicidade, bondade, ternura, como Maria, nos tornam mais humanos e, conseqüentemente, homens e mulheres de Deus, dóceis e abertos ao Reino. Neste Ano Mariano, religiosos e religiosas, aprendamos com Nossa Senhora Aparecida a beleza de cuidar da vida do Planeta, nossa Casa Comum.

O papa Francisco nos transmite 12 ensinamentos sobre Nossa Senhora. Ensina o Papa que “toda a existência de Maria é um hino à vida”.

Dom Sergio da Rocha, cardeal arcebispo de Brasília – Presidente da CNBB, envia mensagem à VRC do Brasil por ocasião do Ano Mariano. Assim escreve: “Fazer memória, recordar revivendo, nos leva ao louvor e à ação de graças a Deus. Por isso, o Ano Mariano é tempo de celebrar, dando graças a Deus, por Maria, com Maria e como Maria fez”.

A seção Santos/Mártires traz Madre Cecília, mãe dos necessitados. Dom Orani, cardeal arcebispo metropolitano de São Sebastião do Rio de Janeiro, RJ, destaca a devoção mariana de Madre Cecília: “Dois pontos fortes marcavam, de um modo todo especial, a vida desse grupo que logo se tornaria uma Congregação Religiosa na Igreja: a espiritualidade franciscana e a devoção especial ao Imaculado Coração de Maria”. Sim, na fachada da casa se lia: “Asilo Coração de Maria, nossa Mãe”, de modo que Frei Luiz comentou duas coisas importantes: “Dia e noite, esse dístico atrairá os olhares dos transeuntes e, assim, todos, católicos ou não, vão dizer: ‘Coração de Maria, nossa Mãe’”. E mais: no discurso de bênção, o mesmo piedoso capuchinho declarou: “Daqui em diante, em Piracicaba, as meninas pobres, órfãs e desvalidas, não chorarão mais as lágrimas da orfandade, pois o Coração de Maria, nossa Mãe, a todos oferece auxílio e agasalhos maternos”.

Um poema mariano, do Pe. Alfredo, abre a seção Informes. Na estrofe “Simplemente Maria”, expressa o autor: “Maria do sim e Maria do não!

Nome de tantas mulheres igualmente fortes e destemidas, e que não obstante a discriminação e a desigualdade, seguem firmes na resistência e na luta, no sonho e na esperança!”

Pe. Adroaldo faz bela, profunda e poética reflexão para o Dia do Trabalho, enfatizando que, com o trabalho, a criatura humana continua a obra da Criação. Reflete o autor: “Amor é servir, *traballar*: trabalhar com a mesma intenção de Deus; *traballar* com Deus na mesma direção, fazendo as mesmas obras que Deus está fazendo, ou seja, aperfeiçoando a Criação”.

Irmã Rosilde Maria Bonotto publica memórias da Missão Salvatoriana no Brasil. Apresenta os três ramos da Família Salvatoriana: “Sociedade do Divino Salvador (Padres e Irmãos religiosos), Congregação das Irmãs do Divino Salvador e Associação do Divino Salvador (leigos e leigas), unida pelo mesmo carisma, missão e espiritualidade que dão a Identidade Salvatoriana. Ela tem como centro a pessoa de Jesus Cristo, o Salvador. Por isso, Padre Jordan propôs a metodologia de Jesus Cristo, seguida pelos Apóstolos, isto é, envolver as pessoas, dando formação e confiando responsabilidades”.

A seção Artigos inicia-se com o texto “Cuidado de si e do outro na Vida Religiosa Consagrada e Presbiteral”, de Elismar Alves dos Santos, que contempla a segunda Prioridade da CRB para o Triênio 2016-2019, “Relações Humanizadoras e Solidárias”. Explica o autor: “Para tratar do tema proposto, o artigo encontra-se dividido em quatro partes: o processo de aceitação; a importância da escuta do outro; o líder como alguém que cuida de si e do outro e, por último, na VRC e Presbiteral, o sofrimento é social?”.

“No texto “Vida Religiosa Consagrada numa sociedade pós-cristã”, Pe Vicente de Paula Ferreira esclarece: “O interesse desta reflexão, além de tentar entender o que significa uma sociedade pós-cristã, é propor a Vida Religiosa Consagrada (VRC) como dom importante para a contemporaneidade, presença de uma gratuidade existencial que acontece na relação com o amor de Deus, no serviço despojado aos seus filhos mais feridos. A VRC, sensível às transformações de sua época, é chamada a avaliar posturas arcaicas que ofuscam sua inserção nas realidades plurais da contemporaneidade para encontrar pistas concretas para o testemunho hoje”.

Frei Johannes Gierse oferece o artigo “Ó profundeza da sabedoria de Deus: Tu unes os opostos e invertes nosso pensar! Por uma Teologia da Reciprocidade”. Johannes ensina que “Para a profundeza da sabedoria de Deus, as diferenças e os opostos não representam um problema, menos ainda uma ameaça, mas uma multiforme e integradora riqueza; algo que inverte nosso jeito de pensar e agir!”. No início, algumas perguntas do autor: “Você reconhece que de vez em quando pinta o mundo em preto-branco?”

Você percebe a vida a partir de um dualismo que distingue as coisas em espírito corpo, homem x mulher, sadio x doente, nós x outros? Já pensou que este estereótipo mental de transformar a realidade complexa em oposições, hierarquicamente ordenadas, é problemático por favorecer o surgimento de inimigos, relações de poder e opressão e, sobretudo, o desligamento da pessoa humana de suas relações vitais?”

“*Maria na Laudato Si*’, artigo mariano do Prof. Ir. André Luiz Oliveira, aborda o cuidado da Mãe para com a Casa Comum. Diz o professor: “Imagem da Igreja celeste, arquétipo da vida futura, Maria tem muito a nos ensinar sobre o cuidado que devemos ter com a casa comum. Pois aquela que em sua vida terrena zelou pela casa de Nazaré, formou e educou o Filho de Deus, não terá nada a nos ensinar sobre o cuidado para com o mundo criado?”

Oração do Papa Francisco

*Maria,
faze-nos sentir teu olhar de Mãe,
guia-nos até o teu Filho,
faze que não sejamos cristãos de vitrine,
mas cristãos que sabem construir,
com teu filho Jesus,
o seu reino de amor,
de alegria e de paz.
Amém!*

Doze ensinamentos do Papa Francisco sobre Nossa Senhora¹

Toda a existência de Maria é um hino à vida.

Nosso caminho de fé está unido de maneira indissolúvel a Maria, desde o momento em que Jesus, morrendo na cruz, entregou-a a nós como Mãe.

O Papa Francisco, em cada uma de suas homilias sobre Nossa Senhora, nos garante que Maria vela por todos e cada um de nós, como mãe e com uma grande ternura, misericórdia e amor, e sempre nos incentiva a sentir seu olhar amável.

Apresentamos, a seguir, alguns dos ensinamentos do Papa Francisco sobre Maria:

1. Um cristão sem Maria está órfão. Também um cristão sem a Igreja é um órfão. Um cristão precisa destas duas mulheres, duas mulheres mães, duas mulheres virgens: a Igreja e a Mãe de Deus.

2. Maria faz precisamente isso conosco: nos ajuda a crescer humanamente e na fé, a ser fortes e a não ceder à tentação de ser homens/mulheres e cristãos/cristãs de uma maneira superficial, mas a viver com responsabilidade, a tender cada vez mais ao alto.

3. Ela é uma mãe que ajuda os filhos a crescerem, e quer que cresçam bem. Por isso, educa-os a não ceder à preguiça (que também deriva de certo bem-estar), a não conformar-se com uma vida cômoda que se contenta somente com ter algumas coisas.

4. Maria nos dá saúde. Ela é a nossa saúde.

¹ Fonte: <www.coracaodejesus.com.br/12-ensinamentos-do-papa-francisco-sobre-nossa-senhora/>.

5. É a mãe que cuida dos seus filhos para que cresçam mais e mais, cresçam fortes, capazes de assumir responsabilidades, de assumir compromissos na vida, de tender a grandes ideais.

6. Maria é mãe, e uma mãe se preocupa sobretudo com a saúde dos seus filhos. A Virgem protege a nossa saúde. O que isso quer dizer? Penso sobretudo em três aspectos: Ela nos ajuda a crescer, a enfrentar a vida, a ser livres.

7. A Virgem Maria educa seus filhos no realismo e na fortaleza diante dos obstáculos, que são inerentes à própria vida, e que ela mesma sofreu ao participar dos sofrimentos do seu Filho.

8. Ela é uma mãe que nem sempre leva seus filhos pelo caminho mais “seguro”, porque dessa maneira eles não podem crescer. Mas tampouco somente pelo caminho arriscado, porque é perigoso. Uma mãe sabe equilibrar estas coisas. Uma vida sem desafios não existe, e uma pessoa que não sabe enfrentá-los arriscando-se não tem coluna vertebral!

9. Maria luta conosco, sustenta os cristãos no combate contra as forças do mal.

10. Maria é a mãe que, com paciência e ternura, nos leva a Deus, para que ele desate os nós da nossa alma.

11. Maria é a mamãe boa, e uma mamãe boa não somente acompanha os filhos no crescimento sem evitar os problemas, os desafios da vida; uma mamãe boa ajuda também a tomar decisões definitivas com liberdade.

12. Toda a existência de Maria é um hino à vida, um hino de amor à vida: Ela gerou Jesus na carne e acompanhou o nascimento da Igreja no calvário e no cenáculo.

Oração

*Maria,
faze-nos sentir teu olhar de Mãe,
guia-nos até o teu Filho,
faze que não sejamos cristãos de vitrine,
mas cristãos que sabem construir,
com teu filho Jesus,
o seu reino de amor,
de alegria e de paz.
Amém!*

O Ano Nacional Mariano (Ano Mariano e vida religiosa consagrada)

DOM SÉRGIO DA ROCHA, CARDEAL ARCEBISPO DE BRASÍLIA – PRESIDENTE DA CNBB

O Ano Mariano, instituído pela CNBB, para comemorar os 300 anos do encontro da imagem de Nossa Senhora Aparecida, quer motivar toda a Igreja no Brasil a uma tríplice atitude: recordar, celebrar e testemunhar. Fazer memória refletindo sobre os sinais de Deus na vida, especialmente na vida dos pobres e pequenos. Celebrar dando graças a Deus por Maria, com Maria e como ela fez no *Magnificat*. Testemunhar a fé em Jesus e o amor pela sua Mãe, reaprendendo com ela a seguir Jesus Cristo e a evangelizar. Recordação, celebração e testemunho resumem bem o espírito que deve animar este Ano Mariano, a ser abraçado por toda a Igreja no Brasil, contando com a especial participação da vida consagrada.

Fazer memória do encontro da imagem de Aparecida nas águas do Rio Paraíba, em outubro de 1717, implica recordar e reviver o gesto dos humildes pescadores que a encontraram: Filipe Pedroso, Domingos Garcia e João Alves. Num momento de aflição, em que necessitavam conseguir rapidamente uma pesca abundante, eles foram surpreendidos pela manifestação do amor de Deus através de um sinal aparentemente simples e pequeno. Num primeiro momento, em vez de peixes que tanto necessitavam, eles encontraram uma imagem de Nossa Senhora da Conceição; simples, pequenina, de pouco valor material, quebrada em duas partes. Ao invés de jogá-la de volta às águas do rio, eles a guardaram piedosamente e a levaram para casa, cuidando dela, com grande devoção, passando a recorrer à sua intercessão. Assim fazendo, eles repetiram o gesto do discípulo amado que, aos pés da

cruz, recebeu Maria como sua Mãe e a levou para casa. Na verdade, não foram aqueles pescadores que passaram a cuidar dela; foi ela quem passou a cuidar deles e de suas famílias, como verdadeira mãe. Podemos dizer que não foram eles que encontraram Nossa Senhora; mas foi ela quem veio ao encontro deles numa hora tão difícil.

O gesto daqueles humildes pescadores tem se repetido ao longo da história na vida de tantos devotos de Nossa Senhora Aparecida. A imagem negra de Aparecida representa bem o amor da Mãe que se identifica com os seus filhos mais sofridos e quer aliviar as suas dores e libertá-los da escravidão. Os três pescadores representam os que passam por provações, os que sofrem com tantos problemas que se abatem sobre as nossas famílias e o nosso povo: a pobreza, o desemprego, as enfermidades, a violência e as drogas, dentre tantos outros. Fazer memória implica reviver aquele encontro no hoje da nossa história. Estimula a Vida Religiosa Consagrada a sair ao encontro dos pobres e sofredores, como fez a Senhora da Conceição Aparecida, para rezar com eles, com eles conviver e a eles servir.

Ao mesmo tempo, fazer memória dos 300 anos daquele encontro nos leva a discernir os sinais de Deus na nossa vida, reconhecendo a sua presença amorosa e deixando-nos surpreender por ele. Aquela imagem singela serviu de sinal para os pescadores. Sinal de que não estavam sozinhos, entregues à própria sorte. Sinal de que Deus estava com eles num momento de grande dificuldade. O Papa Francisco, em Aparecida, convidava a todos a “deixar-se surpreender por Deus”. Ocasões de encontro proporcionam surpresas, seja o encontro com Jesus e Maria, pela oração; seja o encontro fraterno com os irmãos, especialmente com os mais sofridos e desprezados. Com os pescadores, aprendemos a reconhecer e a experimentar o amor de Deus em sinais aparentemente simples e pequenos, no dia a dia. O Papa Francisco tem nos incentivado a viver na simplicidade. Assim fazendo, temos a graça de estar entre os pequenos, aos quais é manifestado o Reino.

Fazer memória, recordar revivendo, nos leva ao louvor e à ação de graças a Deus. Por isso, o Ano Mariano é tempo de celebrar, dando graças a Deus, por Maria, com Maria e como Maria fez. Expressamos a nossa ação de graças, valorizando o *Magnificat*, isto é, rezando com o coração e os lábios de Maria Imaculada, Senhora Aparecida. Expressamos o nosso louvor, neste Ano Mariano, valorizando o rosário, contemplando a Jesus com os olhos de Maria; celebrando o mistério do amor de Deus revelado na história. Manifestamos a nossa ação de graças, de modo especial, na Eucaristia, valorizando sempre mais as celebrações marianas, ao longo do Ano Litúrgico.

A recordação e a celebração conduzem ao testemunho da fé em Jesus e do amor pela sua Mãe e nossa Mãe. Para tanto, é importante acolher a palavra de Maria nas bodas de Caná: “Fazei tudo o que ele vos disser!” (Jo 2,5). Este é o melhor modo de homenagear Nossa Senhora neste Ano Mariano: por meio do seu exemplo e intercessão, voltar o coração e o olhar para o seu filho Jesus, fazendo tudo o que ele nos diz. Esta palavra de Maria deveria ecoar em toda a parte; entrar nos corações das pessoas consagradas, nas casas religiosas e nas comunidades eclesiais. Como em Caná da Galileia, há muitas situações difíceis necessitadas de transformação. Para que ocorram, nós recorreremos a Maria e contamos com a sua intercessão, mas também nos dispomos a fazer a nossa parte, pois Jesus conta conosco, assim como contou com os que serviam nas bodas de Caná. Aquela que foi ao encontro de Isabel, aquela que veio ao encontro dos pescadores em Aparecida, nos ensina a sair ao encontro dos sofredores e fragilizados, através do testemunho da misericórdia. Aquela que subiu o calvário e permaneceu com o seu Filho Crucificado nos ajuda a ser solidários com os crucificados de hoje. Maria é figura da Igreja e modelo para a Vida Religiosa Consagrada. Como Maria, seja a nossa Igreja Mãe misericordiosa, acolhedora, servidora, discípula e missionária. No coração da Igreja está a Vida Religiosa Consagrada chamada a vivenciar, com especial empenho, o Ano Nacional Mariano.

Quando o Papa Francisco esteve em Aparecida, diante da imagem da nossa Padroeira, ele assim se expressou: “Frente ao desânimo que poderia aparecer na vida de quem trabalha na evangelização ou de quem se esforça por viver a fé como pai e mãe de família, quero dizer com força: Tenham sempre no coração esta certeza: Deus caminha ao nosso lado; nunca nos deixa desamparados! Nunca percamos a esperança! Nunca deixemos que ela se apague nos nossos corações! O ‘dragão’, o mal, faz-se presente na nossa história, mas ele não é o mais forte. Deus é o mais forte; Deus é nossa esperança!”.

Contando com o exemplo e a intercessão de Nossa Senhora, procuremos compartilhar com todos a fé em Cristo e a alegria do Evangelho. Sejamos uma Igreja missionária, uma “Igreja em saída”, pelo testemunho cotidiano, pessoal e comunitário, da fé em Cristo e do amor a Maria. Seja o Ano Mariano ocasião privilegiada para um renovado compromisso missionário, contando, de modo especial, com o testemunho evangelizador de tantos religiosos e religiosas, a quem tanto devemos a transmissão e o cultivo da fé em Jesus, do amor a Maria, e a devoção a Nossa Senhora Aparecida. Que ela acompanhe os religiosos e religiosas, assim como todas as pessoas consagradas, com a sua intercessão e exemplo, para viverem a própria vocação e missão na fidelidade generosa, alegre e fecunda!

Madre Cecília, a mãe dos necessitados

DOM ORANI JOÃO, CARDEAL TEMPESTA,
ARCEBISPO METROPOLITANO DE SÃO SEBASTIÃO DO RIO DE JANEIRO, (RJ)

Tenho recebido pedidos de apoio para a causa de beatificação da Madre Cecília, e os tenho encaminhado. Além dos apoios de assinaturas, creio ser muito importante falar sobre a vida dela. Para isso, utilizo-me de livros que recebi e textos nos sites que me fornecem os dados da Madre, muitos deles do próprio instituto religioso, a quem agradeço pelas informações.

Graças a Deus temos tido muitos processos de beatificação em nosso país. O apelo do Papa São João Paulo II quando de sua visita ao nosso país tem produzido efeitos. O Brasil necessita de santos! Precisa anunciar que nestas terras temos muita gente santa, e alguns podem ser colocados como exemplo para a sociedade, com o processo de beatificação e canonização.

Quando nos colocamos a refletir sobre a ação de Deus no mundo ou sobre a chamada “história da salvação”, percebemos que ele nunca desampara a nenhum de nós, seus filhos, e jamais se cansou de enviar mensageiros ao povo necessitado no Antigo Testamento, até que, na “plenitude dos tempos”, enviou o seu próprio Filho, Jesus Cristo, para a salvação da humanidade (Gl 4,4-6).

No entanto, a partir de Jesus, a história continuou a contar sempre com novos mensageiros que, nas épocas mais difíceis, testemunham a presença misericordiosa de Deus na nossa vida. É a força certa nas horas incertas de nosso viver, ou os carinhos do Pai Celeste para conosco, sempre e em toda parte.

Ora, um desses sinais nos vem de Piracicaba, interior de São Paulo, com a Senhora Antoninha, filha de Pedro Liberato de Macedo e de Rosa Martins Aguiar B. Almeida, nascida em 7 de julho de 1852, como a quinta dentre os nove filhos do casal Macedo. Batizada em 7 de novembro do mesmo ano em que nascera, pelo Pe. Manuel José de França, pároco de Piracicaba, cujo nome significa “lugar onde tem muito peixe parado” e por isso pode ser pego com facilidade.

Ela teve, à diferença de algumas de suas contemporâneas, a felicidade de aprender a ler e também de ser costureira (“modista”), ganhando, assim, fama na cidade e criando bons relacionamentos com as famílias que buscavam seus serviços. Eis um futuro promissor para a época em que quase tudo, na região, girava em torno do café e, depois, da cana-de-açúcar, em um ambiente bem rural, cuja cidade importante mais próxima era Itu.

O plano de Antoninha, porém, era outro. Ela desejava ir para São Paulo e ser monja no Mosteiro da Luz, das religiosas concepcionistas franciscanas, mas não conseguiu, pois, o Mosteiro da capital era muito pobre e dependia da oferta das candidatas para manter a obra. Se a porta não lhe estava aberta na capital, no seu coração o desejo de se doar a Deus na pessoa do próximo permanecia bem vivo, de tal modo que, um dia, ela apresentou a uma grande amiga o seu verdadeiro sonho: “Anda na minha mente, Rosa Cândida, uma ideia que não sei se será de Deus ou tentação. Desejava arranjar uma casa onde, morando com algumas Irmãs Terceiras, pudéssemos, além de levar uma vida de oração e de trabalhos, nos dedicar ao apostolado das almas, auxiliando os nossos capuchinhos em suas árduas missões”.

Aliás, em outra ocasião, a mesma mulher de Deus confessara que “a vocação é uma dádiva de Nosso Senhor, é uma pedra preciosa que Deus só dá para as almas boas; a ela, você deve corresponder, porque é grande. Veja de fazê-la crescer, correspondendo a essa graça. Na vida religiosa tem muito sofrimento, mas Deus dá a graça”. E mais: “Tudo na vida religiosa é um valor. Até o sofrimento é um presente de Deus” e “Se há prazer no mundo, ele está no fundo do coração de uma religiosa”. Quanta meditação encontramos em cada uma dessas declarações!

Para entender o contexto no qual Antoninha fala em ajudar os capuchinhos, é preciso saber que, no dia 16 de março de 1890, os primeiros missionários dessa Ordem chegaram a Piracicaba a fim de cuidar da Igreja de Nossa Senhora da Assunção, na Rua da Boa Morte, e dentre eles estava Frei Luiz Maria de São Thiago, grande incentivador da Ordem Franciscana

Secular (ou Ordem Terceira) na cidade, da qual nossa candidata aos altares irá fazer parte. Não só de modo comum, mas, sim, como a primeira “ministra” (superiora) geral, de 1885 a 1898, tempo em que já era viúva.

Viúva? – poderão perguntar alguns. Mas ela não desejava ser freira? O que houve com nossa jovem nesse meio de tempo para que viesse a se casar e, inclusive, a ter filhos? – Em primeiro lugar, é preciso dizer que os projetos de Deus nem sempre são os nossos e só quem se abandona em suas mãos é capaz de entender isso sem esmorecer na caminhada, por vezes bastante árdua. Foi o que se deu com Antoninha.

Em 11 de fevereiro de 1888, muito pressionada por seu pai, já aos 35 anos de idade, algo incomum na época, casou-se com Francisco José Borges Ferreira, um marceneiro e músico de nacionalidade portuguesa, com quem teve três filhos: Rosa, João e Antônio, aos quais se dedicou durante toda a sua longa vida de 98 anos. A mais velha lhe dera um trabalho maior, pois nasceu, ou se tornou desde muito pequena, cega.

O desafio, contudo, não era só esse: o marido de Antoninha era alcoólatra e, sob efeito da bebida, causava confusões em casa. Embora nunca tivesse agredido a esposa, de gênio forte, atormentava os filhos, chegando mesmo a maltratá-los, o que levava a mulher, com as crianças pequenas, a se refugiar em casas de amigos.

Em 7 de dezembro de 1893, ele faleceu, cuidado pela esposa, vítima de uma inflamação pulmonar. Depois de alguns meses, faleceram também seu pai e sua mãe. Estava ela viúva e órfã aos 41 anos, com três filhos para criar. Daí sua confissão tão humana: “Tenho chorado tanto, que já não sei o que será da minha vida”.

Saiu dessa crise fortalecida, sustentou-se com seus trabalhos de costureira e conseguiu enviar os dois filhos mais novos para São Paulo para estudar. Era hora também de retomar àquela antiga inspiração que ela confessara à melhor amiga, Rosa Cândida, não saber se era algo divino ou diabólico: a fundação de uma obra para socorrer os necessitados. Foi, com duas companheiras – Rosa Cândida e Luizinha –, falar com Frei Luiz, que a acolhera, anos antes, na Ordem Franciscana Secular.

Este lhes assegurou, sem pestanejar, que sua inspiração vinha de Deus: “Não é loucura, minhas filhas, é vontade de Deus. E até digo mais. Já tenho uma candidata para o Recolhimento. Somente a finalidade é que não está bem clara. Para agradar mais a Deus, devem dedicar-se à caridade, acolhendo e dedicando-se a órfãos e crianças desvalidas. Desse modo, também o povo as ajudará de boa vontade”.

A ideia do frade capuchinho a princípio não a agradou muito, mas ela aceitou e os frutos começaram a surgir: o Pe. Cândido Galvão Paes de Barros, pároco da cidade, deu aprovação ao trabalho e as autorizou a também pedirem esmolas para ajudar a obra das meninas pobres; ganhou também um terreno, no qual pôde edificar uma casa de três andares, inaugurada em 2 de fevereiro de 1898, com o mesmo propósito. Já havia um grupo de moças e senhoras que, embora não fossem freiras, se vestiam com um hábito preto com mantilha da mesma cor e viviam uma pobreza extrema, a ponto de não terem cadeiras nem sapatos. Mas Deus era o Tudo delas.

Dois pontos fortes marcavam, de um modo todo especial, a vida desse grupo que logo se tornaria uma Congregação Religiosa na Igreja: a espiritualidade franciscana e a devoção especial ao Imaculado Coração de Maria. Sim, na fachada da casa se lia: “Asilo Coração de Maria, nossa Mãe”, de modo que Frei Luiz comentou duas coisas importantes: “Dia e noite, esse dístico atrairá os olhares dos transeuntes e, assim, todos, católicos ou não, vão dizer: ‘Coração de Maria, nossa Mãe’”. E mais: no discurso de bênção, o mesmo piedoso capuchinho declarou: “Daqui em diante, em Piracicaba, as meninas pobres, órfãs e desvalidas, não chorarão mais as lágrimas da orfandade, pois o Coração de Maria, nossa Mãe, a todos oferece auxílio e agasalhos maternais”.

No aspecto franciscano, a já então conhecida “Madre Cecília”, que ao se tornar franciscana secular tomara o nome de Irmã Maria Cecília do Coração de Maria, recomendava à formadora que ensinasse às candidatas o seguinte: “Diga a essas jovens que para ser Franciscana é preciso que conheçam e vivam o mistério da cruz”. E mais: não basta apenas realizar uma obra de misericórdia corporal por desencargo de consciência. É preciso fazer mais, por isso ensina também “Mamãe Cecília”: “Além de ser uma obra de misericórdia vestir os nus, devemos nos empenhar em promover a higiene física e mental dessas pobrezinhas”. Ela desejava “amparar, proteger e bem encaminhar as orfãzinhas de nossa cidade”.

Pois bem, nos dois primeiros capítulos (reuniões gerais), 1906 e 1909, Madre Cecília foi eleita superiora geral da Congregação, permanecendo no cargo até 1912, quando a obra já parecia poder, por graça de Deus, caminhar sozinha, pois Frei Luiz falecera em 1910 e a fundadora foi retirada do cargo em 1912. Além do afastamento, começaram as perseguições à Madre e à sua empreitada (que ela sempre reconheceu não ser dela, mas de Deus), de modo que o bispo de Campinas, Dom João Batista Corrêa Nery, estava pronto para assinar a extinção da Congregação, mas a caneta – conta-se – não funcionou, escapou-lhe da mão e pulou no chão, fazendo-o desistir da ideia.

Enfim, Mamãe Cecília, por calúnias e críticas devido ao cuidado pela sua filha com necessidades especiais, foi, finalmente, afastada da obra que fundara e foi viver em uma casa à parte, chamada de “chalé”, passando nesse isolamento dos 64 aos 95 anos, na oração do rosário, no silêncio, nas visitas a Jesus, prisioneiro no Sacrário, e no abandono às mãos de Deus, sem murmurar contra a autoridade da Igreja, não obstante o seu gênio forte e destemido, mas que, no final, se tornou carinhoso e meigo. Tanto que pouco antes de morrer, em 6 de setembro de 1950, aquela velhinha encurvada e frágil pediu perdão à então superiora geral por alguns desencontros no trabalho da Congregação que frutificou.

Voltando, porém, à sua obra, lembramos algumas datas importantes: 1900, aprovação de Dom Antônio Cândido Alvarenga, bispo de São Paulo; 1912, aprovação dos estatutos disciplinares por Dom José de Camargo Barros, também bispo de São Paulo; em 1921, Dom Francisco de Campos Barreto, bispo de Campinas, aprovou as primeiras Constituições da Congregação e, no mesmo ano, o ministro-geral dos Capuchinhos, Frei José Antônio de Persiceto, agregou a nova Congregação à grande família franciscana; em 1928, o mesmo Dom Barreto erigia canonicamente a Congregação; em 1945, o Papa Pio XII assinou o Decreto de Louvor da obra franciscano-mariana e, em 1956, aprovou, definitivamente, as Irmãs Franciscanas do Coração de Maria.

Eis, prezado(a) irmã(a), uma vida consagrada a Deus que jamais se afastou da cruz, nem se revoltou nas horas difíceis, e ainda soube pedir perdão por alguns erros que todos nós temos na vida, antes de rumar para o encontro definitivo com o Senhor, seu divino Esposo. Tais gestos nos ensinam a “ciência da santidade”, ou seja, santo(a) não é aquele(a) que não tem pecado, mas, sim, quem se reconhece pecador, se arrepende e pede perdão, reflexão que dias atrás o Papa Francisco fez para o mundo. Afinal, já ensinava Santo Ambrósio de Milão que “errar é comum a todos os homens, mas arrepender-se e pedir perdão é próprio dos santos”.¹

Possa, pois, a Madre Cecília, cujo *Nihil Obstat* da Santa Sé para o seu processo de Beatificação foi concedido em 10 de agosto de 1992, ensinar-nos a acolher a todos sem distinção, a sofrer com resignação os reveses da vida e a esperar sempre que Deus, por intercessão do Coração Imaculado de Maria, nos dê a sua graça, especialmente nos momentos mais difíceis da nossa caminhada, tendo dentre os tantos bons exemplos também a Madre Cecília.

1 *Apologia David ad Theodosium Augustum II*, 5-6.

Simplemente Maria

PE. ALFREDO J. GONÇALVES, CS

Maria do sim e do silêncio. “Salve, Maria!” – disse o anjo. E ela, apesar da perturbação, soube dizer sim. Sim ao projeto do Pai, “verbo que se fez carne e armou sua tenda em nosso meio”. Sim ao Espírito, no ato de “conservar e meditar” no coração todas as “maravilhas” que Deus realizava através de sua fragilidade, buscando no silêncio o mistério oculto sob as ondas superficiais dos fatos. Sim ao Filho, não hesitando em seguir seus passos até o pé da cruz, quando a “espada” anunciada transpassou seu coração de mãe. Sim às primeiras comunidades cristãs que nasciam e se espalhavam, traçando um novo caminho e um novo horizonte para a história.

Maria do não e da palavra. Maria que ao “proclamar a grandeza do Senhor”, entende que o amor, a bondade e a misericórdia de Deus, passam, de “geração em geração”, pela justiça e pela construção da paz. Por isso, “realiza proezas com seu braço, dispersando os soberbos de coração; derruba do trono os poderosos, despedindo os ricos de mãos vazias”. Por outro lado, “eleva os humildes, e aos famintos enche de bens”. Maria que, através do seu canto, sua palavra viva e sua existência, sabe dizer não ao abismo dos desequilíbrios socioeconômicos, que aprofunda o fosso piramidal entre pobres e ricos.

Maria do sim e do silêncio, Maria do não e da palavra. Quantas vezes se enaltece a primeira, deixando na sombra a segunda: talvez para justificar a opressão e exploração sobre as mulheres, ou a violência que deixa no corpo e na alma feridas e cicatrizes incuráveis. No interior da Igreja, talvez para garantir seu serviço humilde e paciente e, ao mesmo tempo, sua

ausência à medida que se sobe na escala do poder. Ou para legitimar uma sociedade estrutural e historicamente patriarcal!

Simplesmente Maria: Maria do sim e Maria do não! Nome de tantas mulheres igualmente fortes e destemidas, e que não obstante a discriminação e a desigualdade, seguem firmes na resistência e na luta, no sonho e na esperança! Maria, ícone de tantas expressões e manifestações da devoção popular; Maria que, ao longo do tempo, recebe centenas de outras denominações, de acordo com sua misteriosa presença e sua intercessão nos embates e combates do cotidiano da trajetória humana.

Nosso modo de trabalhar

PE. ADROALDO, SJ¹

“Não deixe que o trabalho sobre a mesa tampe a vista da janela”.

Estamos mergulhados numa lógica de mercado que não nos deixa perceber que o mais grave no mundo do trabalho é a *desumanização*; aflora, nesta situação, toda a negatividade do trabalho como experiência de *exploração, frustração, medos, fadigas, falta de sentido...*

Todos conhecemos pessoas que perderam a saúde e a alegria de viver pelo fardo do trabalho.

Por tudo isso, o *“trabalho”* é um dos espaços que mais precisa ser humanizado e evangelizado.

Precisamos alimentar uma outra relação com o trabalho no sentido de assumi-lo como *cooperação* com o Deus trabalhador e com tantas pessoas tocadas pela sua graça. Uma relação que permita distanciar-nos das cargas, ativismos, tarefas estressantes (...) e viver o trabalho com humor e criatividade.

Uma relação que nos ajude a desfrutar do trabalho, apesar da sua intensidade.

Poderíamos assumir um tipo de trabalho mais semelhante ao do artista, que se esmera em sua peça musical, literária ou pictórica, mas que se enriquece e se expande na sua obra.

Por meio do *trabalho* poderemos conhecer nossa própria interioridade projetada sobre a obra e, ao mesmo tempo, a obra realizada torna-se o espelho

1 Pe. Adroaldo Palaoro é Diretor do Centro de Espiritualidade Inaciana (CEI), RJ

do nosso próprio rosto; contemplar-nos a nós mesmos no trabalho realizado e, com júbilo, podermos exclamar como o Criador: *E viu que era bom!*

Nesse sentido, o melhor seria chamar o trabalho de “labor”, e o ato de trabalhar de “elaborar”.

O ser humano se elabora como tal, ao mesmo tempo que elabora a natureza. Ele luta, cansa-se, afadiga-se, esforça-se, esmera-se, mas o trabalho o rejuvenesce, fornece-lhe energia e entusiasmo, alegra-se com o fruto... Ele vive e delicia-se *do* e *com* seu trabalho.

Com isso, o trabalho deixa de ser suportado como um mal menor, como se fosse uma carga inevitável que unicamente proporciona os meios necessários para sobreviver. De fato, a verdadeira vida não se limita ao descanso do final de semana, dos feriados prolongados, das férias... O ser humano revela-se “pessoa” no ato criativo. “Trabalhar descansadamente”, eis o desafio.

A sociedade atual reclama de nós formas de vida que revelem como é possível desfrutar da beleza do trabalho. A grande questão está em promover um ritmo de vida que garanta a maturidade profissional, o crescimento espiritual, o discernimento, a união com Deus, o espírito de comunhão, o trabalho partilhado.

Na espiritualidade cristã buscamos a inspiração e o sentido para o trabalho cotidiano; como cristãos, deveríamos ser capazes de *evangelizar a sociedade* precisamente naquilo que nos é mais característico: sem afastar-nos dela, mostrar um jeito sério e comprometido de trabalhar, mais humano e evangélico.

Evangelizar o mundo do trabalho significa escutar o Criador que nos convida mais à *fecundidade* (criatividade) do que à *eficácia*. Convém não confundir uma com outra. Enquanto a eficácia quebra as pessoas e não respeita as comunidades, a fecundidade/criatividade acomoda-se aos ritmos naturais e faz crescer a comunidade. *Sede fecundos!*, convite do Criador que continua ressoando em nosso interior.

Alimentados e alicerçados na certeza de que o *ruah* (Espírito) paira sobre as águas da criação e da história, poderemos mergulhar no ritmo da criação e re-criação da Vida verdadeira que Deus quer para seu povo, sem que a angústia do ativismo nos devore e nos paralise.

O problema, portanto, não é a sobrecarga como tal, mas como encará-la de maneira discernida e inteligente, de sorte que o acúmulo de trabalhos não nos torne, paulatinamente, militantes da generosidade doída, desenfreada, de vidas esmagadas por um ativismo desumano.

A presença de Deus no mundo é *ativa e dinâmica*: Deus ama atuando em nossa história. Tudo está sendo construído e reconstruído por Deus. Deus trabalha em todas as coisas. Ele é a força inesgotável de onde brota todo o trabalho do mundo. Deus continua fazendo tudo novo.

Diante do “Deus trabalhador” o ser humano responde com um trabalho criativo; ele se sente chamado a trabalhar a serviço do Senhor, para sua maior *glória*.

Esta é a espiritualidade da colaboração, ou seja, o trabalho é a colaboração do ser humano ao Deus trabalhador; pelo trabalho a pessoa está louvando o Pai, está salvando o mundo e está crescendo em graça.

Louvor sem trabalho é alienação.

Trabalho sem louvor é escravidão.

Trabalho que se faz com amor.

Amor é servir, trabalhar: *trabalhar* com a mesma intenção de Deus; *trabalhar* com Deus na mesma direção, fazendo as mesmas obras que Deus está fazendo, ou seja, aperfeiçoando a Criação.

Encontramos aqui o funcionamento para uma teologia do trabalho: toda atividade seja ela qual for, é redentora, se a motivação é evangélica, se ela está orientada para o Reino.

Não é o trabalho que nos faz importantes, mas somos nós que fazemos todo e qualquer trabalho ser importante, quando ele é realizado na perspectiva do Reino de Deus. Todo trabalho é nobre, seja ele o de cinzelar estátuas ou o de esfregar o chão.

A alegria do trabalho está no fato de perceber o sentido e a intenção presentes nele: para quê? para quem?

O que importa é a atitude. E a atitude que ajuda e que salva é “fazer o que precisa ser feito”, com entrega sincera àquilo que se faz. A identificação com aquilo que fazes é o caminho para a paz interior.

Textos bíblicos: Mt 13,54-58; Mt 20,1-16.

Na oração: dar sentido de amor e profundidade ao trabalho diário; através do trabalho, servir a Deus por puro amor; ser contemplativo na ação: o trabalho como lugar do encontro com Deus.

A memória gera fidelidade

Missão salvatoriana no Brasil - Ação de graças

“Tornar Jesus Cristo, o Salvador, conhecido e amado por todas as pessoas, com todos os meios que a caridade de Cristo inspirar”.

ROZILDE MARIA BINOTTO, SDS¹

Com muita alegria e gratidão, no dia 27 de novembro 2016, celebramos como Família Salvatoriana o vigor apostólico dos(as) primeiros(as) missionários(as) salvatorianos(as) que aportaram em terras brasileiras. Comemoramos os 120 anos da Sociedade do Divino Salvador (padres e irmãos) vindos de Roma, 80 anos das Irmãs Salvatorianas, vindas da Alemanha, e 30 anos do início da Associação do Divino Salvador (leigas e leigos salvatorianos) no Brasil.

A celebração aconteceu ao longo do ano de 2016, culminando no dia acima mencionado. Cultivamos a memória histórica agradecidos(as), pois a memória gera fidelidade. Fidelidade à missão recebida de Jesus Salvador, através do caminho que Padre Jordan e Maria dos Apóstolos traçaram para a Família Salvatoriana. Fidelidade ao objetivo primeiro da vinda das Irmãs Salvatorianas ao Brasil, há 80 anos. Nesses anos muita coisa aconteceu, grandes feitos foram realizados, muitas vidas salvas, muitas pessoas orientadas para o caminho do seguimento de Jesus Salvador na vida cristã

¹ Licenciada em Letras pela Universidade de Passo Fundo (UPF) - RS. E-mail: rozildebinotto@bol.com.br.

e/ou salvatoriana. Tudo isso evoca nossa memória afetiva agradecida. A memória é um dos alicerces que dá sentido à vida. Entendemos que preservar a memória é manter viva a Congregação e uma forma de continuar fortalecendo as bases. Preservar a memória não é só resgatar o passado. É também compreender as diferenças e reconhecer os limites de cada período da história. É ter referenciais consistentes para construir o presente e projetar o futuro; é refletir sobre a história não apenas como quem recorda, mas como quem busca construir uma nova história.

Com o mesmo vigor apostólico e confiando no amor misericordioso do Divino Salvador, continuamos a missão dos(as) primeiros(as) missionários(as) salvatorianos(as) que aqui chegaram, com o desejo de nosso Fundador: “Outros virão e, lembrados do nosso sofrimento, continuarão a obra”.

Nosso fundador, Pe. Francisco Maria da Cruz Jordan, viveu numa época de profundas transformações culturais, técnico-científicas e industriais, que provocavam grandes transformações na sociedade. Nesse contexto, o que mais marcou a vida e vocação de Padre Jordan foi a Revolução Cultural (Kulturkampf = luta pela cultura) na Alemanha, dirigida por Otto von Bismark.

Rezando e refletindo sobre esta realidade, Padre Jordan percebeu a ignorância do povo, o analfabetismo, a falta de espaço para o cristão exercer sua missão na Igreja, no mundo e que a Igreja não estava acompanhando a evolução histórica da sociedade.

Ele, ao perceber ameaças na vida do povo, inspirou-se na ação libertadora de Deus e, a partir daí, buscou vislumbrar um futuro diferente e melhor para esse povo. Recebeu um chamado especial de profeta. Era pessoa de fé vigorosa e coerente que renovava a esperança de todos, pois se consagrou a serviço da vida.

Frente a essas necessidades, Jordan decidiu desencadear um amplo movimento de renovação e animação da vida cristã, partindo de dois desafios: conhecimento e envolvimento. E, por estar movido pelo zelo apostólico e forte sensibilidade aos apelos de Deus, Padre Jordan fundou a Sociedade Apostólica Instrutiva, ou seja, a Sociedade do Divino Salvador, no dia 8 de dezembro de 1881, em Roma, Itália.

Thereza von Wüllenweber encontrou no projeto de Padre Jordan as respostas às suas constantes buscas e ardor apostólico-missionário, identificando-se com seu projeto fundacional.

Eles assumiram o profetismo na sua época e partilharam do mesmo ideal em favor da vida, da salvação e da libertação de todos. Iniciaram a obra

salvatoriana movidos pela necessidade mais profunda das pessoas terem vida e conhecerem o único Deus verdadeiro, Pai, Filho e Espírito Santo.

Nós, Irmãs, somos instituídas com a finalidade de conhecer Jesus Cristo e torná-lo conhecido por todas as pessoas, participando da vida trinitária, realizando-nos plenamente como pessoa, colaborando, assim, na construção do Reino de Deus.

Esses gestos de bondade e dedicação encontramos em Thereza von Wüllenweber, primeira religiosa salvatoriana que recebeu o nome de Maria dos Apóstolos. Ela se tornou a cofundadora da Congregação das Irmãs do Divino Salvador, fundada por Padre Jordan, em 8 de dezembro de 1888, na cidade de Tívoli, Itália, com o objetivo de propagar, defender e reavivar a fé católica, no espírito dos apóstolos, envolvendo homens e mulheres dispostos(as) a capacitar lideranças cristãs para serem evangelizadoras em seu ambiente de vida e trabalho.

Desde o início da Fundação, Padre Jordan e Madre Maria dos Apóstolos alimentaram o desejo de fundar uma missão na América Latina.

E eis que os padres Sebas Battistoni e Ambrósio Mayer partiram de Roma, embarcando em Nápoles, no vapor Las Palmas, no dia 12 de outubro de 1896, ancorando no porto do Rio de Janeiro, no dia 3 de novembro e chegaram à cidade de Campos(RJ), no dia 6 de novembro, iniciando a missão da Sociedade do Divino Salvador no Brasil. Com grande zelo apostólico, desenvolveram a missão de “Tornar Jesus Cristo, o Salvador, conhecido e amado por todas as pessoas, com todos os meios e modos que a caridade de Cristo inspira”.

Em 8 de dezembro de 1930, Dom Daniel Hostin, bispo de Lages, criou a paróquia sob o nome de paróquia Imaculada Conceição de Perdizes. Ao criar a paróquia, ele se dirigiu ao superior dos Padres Salvatorianos no Rio de Janeiro, pedindo-lhe que enviasse alguns padres para trabalhar na diocese de Lages. Aos 6 de março de 1931, chegaram a essa localidade os padres Fidélis Both e Lourenço Hergenahn para assumir a missão salvatoriana na paróquia Imaculada Conceição.

A solicitação de Irmãs Salvatorianas para o Brasil foi feita pelos Padres Salvatorianos, residentes em Perdizes. O bispo assim se expressou: “Eu ficaria muito contente se o pedido dos dois missionários fosse atendido, e desde já dou as boas-vindas às Reverendíssimas Irmãs Salvatorianas em minha diocese”.

Na disposição de seguir Jesus, como discípulas-missionárias, a serviço da Igreja, no ano de 1936, as Irmãs Salvatorianas responderam sim ao pedido

de Dom Daniel Hostin, para residir em sua diocese. Com alegria, cinco Irmãs alemãs foram enviadas para o Brasil.

Na cerimônia de envio, na capela da Casa Geral em Roma, Padre Pancrácio Pfeiffer, superior geral dos Padres Salvatorianos, proferiu algumas palavras, entre elas: “... Vós ides agora para um país longínquo, do qual não conheceis os usos e costumes, nem a língua. Mas uma língua se conhece e se entende em todo o lugar. É a língua do amor. Servi-vos dela por toda a parte e por todos sereis compreendidas. Vocês devem reproduzir a imagem fiel do Salvador em suas vidas e nos trabalhos”, palavras silenciosas, mas eloquentes do imenso e misericordioso amor do Salvador.

Madre Libória, superiora geral, em nome da Congregação, lhes disse: “Podem atravessar o mar com grande confiança na Providência, levando a consoladora certeza de que aqui na Casa-Mãe fica um coração materno que as acompanha, que partilha dos sofrimentos e renúncias de vocês, mas com vocês também se alegra no progresso e participa com solicitude de todas as suas necessidades”.

Enfatizando a linguagem do amor que fala por si, Pe. Pancrácio destacou a importância do modo de ser missionário(a) e o valor do agir apostólico que nasce da convicção interior. Com tais palavras ecoando no coração, junto ao desejo de viver o ensinamento do amor, naquele memorável 13 de novembro de 1936, zarpar o navio “Monte Pascal” do porto de Hamburgo, na Alemanha, com destino ao Brasil, trazendo as Irmãs Colonata Ackermann, Ehrenfrieda Hölscher, Philippa Stieber, Renata Herold e Ludolfa Boch, imbuídas de entusiasmo e confiantes na Divina Providência. Elas desembarcaram no porto de São Francisco (SC) no dia 6 de dezembro e aí foram hospedadas pelas Irmãs da Divina Providência.

Enquanto se aproximavam da nova terra, as Irmãs não sabiam claramente o que delas se esperava. Sabiam apenas que iam para um lugar pequeno, pobre, desprovido de recursos. A que trabalhos apostólicos se dedicar? De início os mais variados. Todas, porém, queriam ser apóstolas-missionárias, tendo como objetivo “tornar Jesus Salvador conhecido e amado, comunicando a mensagem do Evangelho”.

As primeiras pessoas que acolheram as Irmãs e a lhes darem as boas-vindas foram os Padres Salvatorianos. Por solicitação do Padre Romualdo Maria, as Irmãs Philippa e Renata chegaram no dia 24 de dezembro de 1936 para a missão salvatoriana em Perdizes, sendo hospedadas pela família Cesar Leoni. As outras três chegaram no dia 6 de janeiro de 1937.

As necessidades eram muitas e aos poucos foi sendo definido o campo de atuação. Tendo por objetivo a “Instrução da infância e da juventude”, as Irmãs começaram a missão educativa salvatoriana no Brasil. Na casa emprestada pelo Sr. Aloysio Pedro Kroeff, no dia 23 de fevereiro de 1937, iniciaram a Escola Elementar, tendo 27 crianças e duas professoras leigas.

No Brasil, a semente lançada em chão propício germinou, e os frutos não demoraram a chegar. A Congregação floresceu rapidamente, favorecendo a fundação de comunidades em diversas cidades, atuando nos estados de Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Paraná, Bahia, Maranhão, Rio de Janeiro, Ceará e nos países de Guatemala, na América Central, e em Moçambique, na África.

No dia 27 de dezembro de 1986, em Jundiá (SP), com o Grupo São Paulo, o primeiro grupo de leigas e leigos salvatorianos, foi criada a Associação do Divino Salvador (ADS) no Brasil.

Assim, a missão salvatoriana no Brasil passou a ser vivenciada pelos três ramos que formam a Família Salvatoriana: Sociedade do Divino Salvador (Padres e Irmãos religiosos), Congregação das Irmãs do Divino Salvador e Associação do Divino Salvador (leigos e leigas), unida pelo mesmo carisma, missão e espiritualidade que dão a Identidade Salvatoriana. Ela tem como centro a pessoa de Jesus Cristo, o Salvador. Por isso, Padre Jordan propôs a metodologia de Jesus Cristo, seguida pelos Apóstolos, isto é, envolver as pessoas, dando formação e confiando responsabilidades.

Por tudo o que aconteceu ao longo da nossa história salvatoriana no Brasil, declaramo-nos felizes e agradecidos(as). Deus esteve presente a iluminar e a reforçar os passos de nossa caminhada. A ele nosso louvor e gratidão. Estamos conscientes de que o mundo está sedento e busca os valores fundamentais da vida; por isso renovamos nosso compromisso de fidelidade à missão recebida.

Cuidado de si e do outro na Vida Religiosa Consagrada e Presbiteral

ELISMAR ALVES DOS SANTOS, CSsR¹

Introdução

Como abordar a questão do cuidado de si e do outro na Vida Religiosa Consagrada (VRC) e Presbiteral? Para tratar do tema proposto, o artigo apresenta-se em quatro partes: *o processo de aceitação; a importância da escuta do outro; o líder como alguém que cuida de si e do outro* e, por último, *na VRC e Presbiteral, o sofrimento é social?* Na primeira parte explico que o processo de aceitação dos limites, quando feito com responsabilidade, contribui para uma análise dos motivos da não realização na VRC e Presbiteral. Já a segunda parte dedica-se à reflexão da importância da escuta do “Outro” no processo de aceitação das próprias dificuldades. Na terceira parte, colocarei em discussão o papel do líder como alguém que necessita cuidar de si e do “Outro”. Por último, na quarta parte, procuro mostrar que o sofrimento na VRC e Presbiteral exige que se leve em consideração o contexto social.

1 **Elismar Alves dos Santos** é padre da Congregação do Santíssimo Redentor (redentoristas). Doutor em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e em Teologia Moral pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE – Belo Horizonte. Atualmente é professor de teologia e psicologia na Faculdade de Filosofia e Teologia de Goiás (IFITEG), em Goiânia (GO). E-mail: elismar01@yahoo.com.br.

1. O processo de aceitação

O ser humano depara-se, frequentemente, com realidades e dimensões que exigem ser assumidas existencialmente. Carl Rogers ensina que, para o ser humano crescer verdadeiramente, torna-se preciso, a princípio, “assumir” o que precisa ser “assumido”. Assim escreve: “Muitas vezes, quando o cliente se apercebe de uma nova faceta sua, inicialmente a rejeita. É apenas quando vivencia um aspecto de si mesmo negado até então, num clima de aceitação, que pode tentar assumi-lo como uma parte de si mesmo”.² Em seu dizer, a atitude do assumir, independentemente de qual seja a realidade, terá papel positivo por levar o ser humano a lidar com realidades ambivalentes por meio da aceitação. Porém, alerta que a postura do ato de assumir não significa conformismo, mas atitude inicial em vista do desenvolvimento da personalidade. Desse modo, o crescimento ocorre em decorrência da aceitação. Aceitar implica admitir. A pessoa será capaz de transcender ao admitir as realidades negadas em vista da mudança em sua estrutura de personalidade. Esse processo torna-se necessário para a sobrevivência e a convivência com os demais, por meio da relação “Eu -Tu”.

O ser humano, como já assinalou Sigmund Freud,³ experimenta, em seu interior, mundo subjetivo, mundo inconsciente, este lado, às vezes, “sombrio” e mascarado. Geralmente, a razão, nesse contexto, torna-se insignificante aos pés do não observável, do não verbalizado. Em outras palavras, do inconsciente. A pessoa, nessa perspectiva, trata-se de um ser inconstante e volúvel. Ser não realizado. Até certo ponto, o sentimento de não realização é positivo, pois desperta o desejo da busca. Torna-se negativo, entretanto, quando tal busca despersonaliza o indivíduo. O sentimento de não realização na VRC e Presbiteral pode despersonalizar a pessoa. Na relação, na comunidade, a vida corre o risco de tornar-se amarga e vazia. Isso porque já não há o encanto pela busca da realização. Talvez ela tenha até sido procurada, mas não foi encontrada.

E por que não foi encontrada? “Há em mim comportamentos que não se devem a deficiências psicopatológicas, nem à falta de ideais ou de generosidade, mas que são devidos ao fato de que eu sou perfectível, isto é, nem perfeito nem imperfeito, nem pecador impenitente nem santo para se venerar”.⁴ Nesse contexto, faz-se necessária a seguinte observação: “A

2 ROGERS, C. R. *Tornar-se pessoa*. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 196.

3 FREUD, S. *O mal-estar na civilização*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (v. XXI, p.73-143). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

4 MANENTI, A. *Vocação, psicologia e graça*. São Paulo: Edições Loyola, 1991, p. 53.

descoberta dessas inconsistências não nos leva então ao desespero; não se trata de deixar-se levar ao pânico, de bater no peito ou confessar-se sem parar; trata-se de aceitar a si mesmo de maneira realista: caminho segundo o Espírito, mas há em mim desejos opostos ao Espírito”.⁵ Porém, “as inconsistências só podem ser trazidas à consciência com a ajuda de instrumentos psicológicos profissionais, como certos tipos de psicoterapia”.⁶ Dessa forma,

é preciso estudar a relação entre as consistências e as inconsistências, isto é, entre as partes integradas e as partes instáveis do eu [...] não basta ver a fraqueza do homem, é preciso também ver quais e quantos são seus pontos fortes. E é aqui que os valores voltam a assumir importância.⁷

Ainda na discussão sobre a não realização na VRC e Presbiteral, falei que o processo de aceitação das inconsistências contribui para a descoberta das razões da não realização no seguimento de Cristo. Além dessas considerações, fala-se, nos dias de hoje, de uma *síndrome* que está cada vez mais presente na VRC e Presbiteral. Trata-se da *síndrome de burnout*.⁸

O termo *burnout* designa, em inglês, uma chama que se extingue por completo. Ela define um distúrbio psíquico ligado ao exercício da profissão que extrai as forças, o envolvimento pessoal e a satisfação, gerando intenso esgotamento físico e mental. A síndrome foi estudada preferencialmente nas categorias de profissionais que desenvolvem uma tarefa de ajuda. São numerosos os sintomas da *síndrome de burnout*: tristeza, vazio interior, despersonalização, alterações de comportamento, depressão, esgotamento, stress, insatisfação, recalque de conflitos internos etc.⁹

Acredito que a *síndrome de burnout*, às vezes, pode estar relacionada com o sentimento de não realização na VRC e Presbiteral. Ou melhor, em decorrência de sua instalação na estrutura psíquica, a *síndrome* pode levar o(a) religioso(a) ou o presbítero à perda da realização vocacional, em decorrência do esvaziamento psíquico e espiritual.

Os sentimentos que eram “a favor dos outros” passaram a se transformar em “repulsa”. Ou seja, a síndrome se desenvolvia em pessoas que antes faziam da ajuda afetiva aos outros a sua profissão e que esperavam o mínimo retorno amoroso,

5 Ibidem, p. 54.

6 Ibidem, p. 55.

7 Idem.

8 PEREIRA, W. C. C. *Sofrimento psíquico dos presbíteros: Dor institucional*. Petrópolis: Editora Vozes, 2012, p. 37. “No Brasil, a ‘Síndrome de Burnout’ integra a Lista de Doenças Profissionais e Relacionadas ao Trabalho (Ministério da Saúde, Portaria n. 1.339/1999), além de estar registrada nos Anais da Classificação Internacional de Doenças, 10 revisão, CID-10, com o seguinte código e descrição: ‘Z 73.0 – Sensação de estar ‘acabado’”, p. 33. CID: Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10, 1993.

9 CARRARA, P. S. *Apreciações – Sofrimento psíquico dos presbíteros: Dor institucional*. por William Cesar Castilho Pereira. Petrópolis: Editora Vozes, 2012. In: *Revista Eclesiástica Brasileira* (REB), n. 287, julho/2012, p. 737.

como professor, assistente social, médico, enfermeiro, psicólogo, padres, religiosos, freiras e atendentes públicos. Há em comum entre essas pessoas a procura de satisfação no trabalho que busca fazer os outros felizes, melhores, curados.¹⁰

Assim, “sem um suporte de sustentação, há o risco de o sujeito ser arastado pelas próprias limitações e impotências, o que, conseqüentemente, leva à desintegração do seu Eu”.¹¹ Quanto aos sintomas da *síndrome de burnout*, a literatura assim explica os principais sintomas: a) **Esgotamento emocional** e a diminuição de recursos psíquicos, intelectuais e baixa autoestima; b) **Despersonalização**, isto é, desempenhar o próprio serviço sem envolver-se pessoalmente, tratar os usuários como objetos, procurando reduzir ao mínimo o próprio investimento amoroso; c) **Somatização** ou manifestação generalizada no corpo, como: cansaço físico, mal-estar, fadiga, frequentes dores de cabeça, aumento da pressão arterial, úlceras digestivas, aumento dos batimentos cardíacos, desordens gastrointestinais, dores de coluna e musculares, fibromialgias, entre outras; d) **Transtorno de comportamento**, como: irritabilidade e frequentes conflitos interpessoais, quadros paranoides, distanciamento afetivo, absenteísmo, baixo rendimento constante e quadros depressivos; e) **Probabilidade** de desenvolver outras condutas aditivas, como: consumo de álcool, fármacos, drogas, uso excessivo da internet ou transtornos alimentares, como, bulimia e anorexia.¹²

Dessa forma, “para o tratamento tradicional da *síndrome de burnout*, recomenda-se a combinação de medicamentos, como tranquilizantes ou antidepressivos, para atenuar a ansiedade ou a depressão, com a psicoterapia que busca a elaboração dos sintomas”¹³. Daí a importância da comunidade religiosa e presbiteral, a qual precisa estar alerta para perceber os sinais de fragilidade do Outro e procurar o devido tratamento. Significa que, cada vez mais, torna-se exigente o papel dos(as) superiores(as) das comunidades religiosas na observância do comportamento dos membros que compõem a comunidade. Porém, para relacionar-se com o Outro, exige-se do Eu uma ulterior busca em si mesmo.

10 PEREIRA, W. C. C. op. cit., p. 35.

11 Idem..

12 Ibidem, p. 37.

13 Idem.

2. A importância da escuta do outro

A Escuta que o Outro procura em alguém levou Freud¹⁴ a se dedicar a essa temática. A princípio, o pai da psicanálise chamou esse mecanismo de “associação livre”. Essa prática consiste em levar o indivíduo a falar de si. Em outras palavras, procura-se dar “nomes” aos sentimentos. A partir daí, Freud descobre que a pessoa precisa eleger alguém para escutá-la. De modo que a “cura”, nessa acepção, passa pela experiência da Escuta.

Pathos não pode ensinar nada, ao contrário, conduz à morte se não for ouvido por aquele que está fora, por aquele que, na condição de espectador no teatro grego do tempo de Péricles, se inclina sobre o paciente e escuta essa voz única se dispondo a ter, assim, junto com o paciente uma experiência que pertence aos dois¹⁵.

O que interessa nessa definição é a dimensão de *pathos*, por ter como significado linguagem de sofrimento. Significa também “paixão” e “passividade”. Porém, *pathos* pode transformar-se em patologia. Sobre essa possibilidade, “quando isso acontece, *pathos* transforma-se em patologia, ou seja, um discurso sobre o sofrimento, as paixões, a passividade”.¹⁶

De acordo com Elisabeth Lukas,¹⁷ o ser humano sempre levanta as seguintes questões: *Como realizo a missão da minha vida? Sou importante para alguma coisa? Estou disposto a assumir minha vida nas condições existentes? Vivi erradamente e joguei fora minha vida?* As questões levam ao questionamento acerca da própria identidade, pois esta passa pela dimensão da realização enquanto ser humano, naquilo que se faz, no caso específico, como religioso(a) ou presbítero. O filósofo alemão Martin Heidegger ensina que “Ser-no-mundo é uma questão de realização”.¹⁸ Assim, “Ser-no-mundo” não consiste simplesmente em estar no meio das coisas, de pessoas, da natureza etc. Mesmo em volta a tudo isto, o ser humano corre o risco de sentir-se um Ser não realizado em sua totalidade. Entretanto, não se pode esquecer que a “verdadeira” realização somente será possível no “Ser-no-mundo”. Daí a importância do “OUTRO” que possibilita “enxergar” o “EU”. Em outras palavras: “Porque quem sou Eu se não o Eu que Outros apresentam a mim?”¹⁹

14 FREUD, S. Esboço de psicanálise e outros trabalhos. In: _____. *Moisés e o monoteísmo três ensaios*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. XXIII, p. 151-222). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

15 BERLINCK, M. T. *Psicopatologia fundamental*. São Paulo: Escuta, 2000, p. 21.

16 Ibidem, , p. 20.

17 LUKAS, E. *Psicologia espiritual*. São Paulo: Edições Paulinas, 2002, p. 23.

18 HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. Petrópolis: Editora Vozes, 2004, p. 20.

19 JOVCHELOVITCH, S. Vivendo a vida com os outros: Intersubjetividade, espaço público e representações sociais. In: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (Orgs.). *Psicologia social – textos em representações sociais*. Petrópolis: Editora Vozes, 2011, p. 59.

Até o presente momento, vimos dois pontos: *o processo de aceitação e a importância da escuta do outro*. Acredita-se, portanto, que o sentimento de não realização na VRC e Presbiteral pode ter relação com o que foi refletido. Como pontuado, os dramas psíquicos podem contribuir para a não realização na VRC e Presbiteral. Entretanto, ao dialogar com tais realidades, uma luz emerge para o reestabelecimento da “cura” e a total abertura para a realização humana e espiritual no seguimento de Cristo. Isso significa que, sem o desejo de transformar-se e a constante abertura por meio do reconhecimento das próprias dificuldades, quase nada pode ser feito para ajudar o Outro a encontrar sentido e realização na VRC e Presbiteral.

3. O líder como alguém que cuida de si e do outro

De acordo com o percurso feito, foi dito que a existência humana é perpassada por ambiguidades e contradições, mas isso não significa incapacidade ao seguimento de Cristo. Espera-se do Outro sinal de abertura em vista do crescimento. O (a) superior(a) ou líder precisa sempre apresentar um itinerário que possa contemplar as demandas dos(as) que compõem a comunidade. Eis aí o ideal, o qual poderia tornar-se real, caso ainda não o seja. E quando o(a) responsável diretamente pela comunidade não proporciona meios em vista do bem comum? Significa que os(as) líderes precisam autoanalisar-se frequentemente. No dia-a-dia, requer-se do(a) líder a capacidade de lidar com as próprias emoções e com as emoções dos outros. Significa que o(a) superior(a) da comunidade necessita de uma constante vida de oração e que não perca de vista o mergulho no autoconhecimento. Ao(à) líder é fundamental dialogar com as próprias ambiguidades e inconsistências para, assim, ser capaz de compreender e propor ao Outro um processo reflexivo e de crescimento. Em contraposição espera-se do Outro sinal de abertura ao que é proposto. Porém, se o(a) superior(a) não deixa transparecer em sua vida sinais de confiança e maturidade, não haverá interesse por parte dos membros da comunidade, mesmo dos que sofrem em silêncio.

Significa que do(a) superior(a) ou de qualquer liderança é exigido o sentimento de confiança. Alguém capaz de guardar em segredo o que foi partilhado, por exemplo. Não usar de forma alguma a fragilidade do Outro em vista de seus interesses particulares. Em seu modo de ser e agir, precisa mostrar que “a própria descoberta dará a oportunidade para deixarmos cair a máscara que ocultava nosso verdadeiro Eu, permitindo fluir a mudança”²⁰.

20 NOVELLO, F. P. *Um mergulho em si*. São Paulo: Edições Paulinas, 2000, p. 18.

Ao(à) superior(a) ou líder de uma comunidade ou frente de trabalho, exigem-se muitas atitudes e habilidades, mas estas, a meu ver, são essenciais para o êxito do seu ministério de *Cuidar do Outro*: lidar com a própria agressividade, cultivar a calma, saber conviver com o ciúme, dialogar com a inveja, não usar da mentira em vista do próprio benefício, ponderar seu próprio sentimento de insatisfação, ser capaz de conviver com a solidão, perguntar a si próprio do porquê da insegurança, não deixar a tristeza invadir a própria vida e ser capaz de conviver com a hipersensibilidade²¹.

Vejam os que a literatura, especialmente a psicanalítica, diz sobre alguns desses traços de personalidade. Primeiramente, a *agressividade*. “Entendemos por agressividade o impulso nervoso daquele que ataca. Esse ataque pode ser hétero ou autodirigido, ou seja, canalizado para outras pessoas ou contra si mesmo. A agressividade geralmente aparece como manifestação da falta de realização de desejos acalentados”.²² Já o *ciúme* “projeta no outro seus próprios desejos inconscientes (...) A origem do ciúme pode estar na superproteção infantil. A criança cresceu fragilizada, obtendo tudo, não precisando lutar, não aprendendo a perder. E continua a querer tudo só para si”.²³ Ao (à) superior (a) ou líder, caberá a seguinte pergunta: Sou invejoso(a)?

Invejoso é aquele que quer ser o que não é, que gostaria de estar no lugar do outro a quem admira e cujos bens cobiça. Todos nós, em maior ou menor grau, podemos apresentar atitudes invejosas durante algumas fases da nossa vida (...) A inveja surge quando a pessoa julga ter o direito de possuir algo e não possui e sofre por isso.²⁴

Percebe-se, então, que a inveja tem o poder de destruir quem é invejoso. Causa mal-estar na comunidade, especialmente quando, no modo de ser e agir, o(a) superior(a) deixa transparecer tal fragilidade. Não somente os(as) responsáveis diretamente pela comunidade e frentes de trabalho, mas todos(as) os(as) religiosos(as) e presbíteros estão sujeitos ao sentimento de *insatisfação*. A esse comportamento, é preciso se perguntar: O que me falta? “Tenho saúde, dinheiro, trabalho, tudo para ser feliz. E, no entanto, sinto-me insatisfeito e angustiado (...) Esse sentimento vago pode surgir repentinamente e nos envolver, provavelmente, nossas aspirações estão mais voltadas para o ter do que para o ser”.²⁵ Passando para outro traço

21 Ibidem, p. 54-85.

22 Ibidem, p. 54-55.

23 Ibidem, p. 60.

24 Ibidem, p. 63.

25 Ibidem, p. 67-69.

de personalidade, não é novidade que a *solidão* acompanha o ser humano independentemente de sua opção de vida. Entretanto, ao(à) superior(a) de uma comunidade e lideranças, essa realidade será um estado de espírito? “Solidão é uma maneira de sentir, está dentro da pessoa. Significa estar só. É um estado de espírito que pode estar presente em qualquer fase de nossa vida. A solidão pode ser uma opção ou uma contingência inevitável”.²⁶

Nos traços de personalidade de um(a) superior(a) de comunidade ou líder pode haver também o excesso de *hipersensibilidade*. Ninguém pode falar nada, caso contrário, sentir-se-á ofendido(a) em decorrência da hipersensibilidade. “Hipersensibilidade é a exacerbação de um temperamento por demais sensível, muitas vezes depressivo. Não há dúvida sobre uma sensibilidade desenvolvida de forma adequada ser algo extremamente desejável, positivo e enriquecedor. O excesso, porém, como todos os extremos, é inconveniente e prejudicial”.²⁷ Ainda, na perspectiva do cuidado de si, exige-se dos(as) que estão à frente de uma comunidade, saber conviver com a própria *angústia* e com a angústia do “Outro”. Gostaria de apresentar uma breve reflexão sobre a angústia no contexto dessa discussão.

O psicanalista francês, Jacques Lacan (1901-1981) dedicou, em seus Seminários, um livro ao tema da *Angústia*. Estou longe de esgotar a profundidade em que o autor reflete esse tema. Lacan pergunta: “Que é a angústia? Afastamos a ideia de que seja uma emoção. Para introduzi-la, direi que ela é um afeto”.²⁸ Ressalto apenas que, nessa obra, Lacan deixa transparecer, num primeiro momento, que a angústia na relação entre paciente e analista significa: “Sentir o que o sujeito pode suportar de angústia os põe à prova a todo instante”.²⁹ Assim, a angústia coloca o ser humano à prova a todo instante. Não só na relação paciente e analista.

O mencionado psicanalista lança um desafio no árduo estudo sobre a angústia: “A que distância colocar a angústia para lhes falar dela, sem pô-la imediatamente no armário e sem tampouco deixá-la na imprecisão?”.³⁰ A partir da ótica lacaniana, penso que não seria exagero afirmar que ao(a) superior(a) ou líder de uma comunidade religiosa faz-se necessário o esforço para distanciar-se da própria angústia para ser capaz de administrá-la, para não ser “tomado(a)” por completo por tal sentimento. Trata-se, portanto,

26 Ibidem, p. 71.

27 Ibidem, p. 85.

28 LACAN, J. *O seminário – A angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005, Livro 10, p. 23.

29 Ibidem, p. 13

30 Ibidem, p. 17.

de uma postura alicerçada no esforço de não deixar-se tomar pela angústia; caso contrário, não será capaz de conviver com a angústia do “Outro”, na comunidade. Nesse contexto, o filósofo dinamarquês Sören Kierkegaard, na sua obra *O Conceito de Angústia*, lembra:

A angústia é a possibilidade da liberdade, só esta angústia é, pela fé, absolutamente formadora, na medida em que consome todas as coisas finitas, descobre todas as suas ilusões [...] Aquele que é formado pela angústia é formado pela possibilidade, e só quem é formado pela possibilidade está formado de acordo com sua infinidade.³¹

É interessante observar que o caminho proposto pelo mencionado filósofo diante da realidade latente da angústia, não é outro senão o mergulho na fé. Não defende a angústia pela angústia, mas oferece uma “possibilidade” de conviver com essa realidade que perpassa a condição humana: “Mas para que um indivíduo venha a ser formado assim tão absoluta e infinitamente pela possibilidade [da angústia], ele precisa ser honesto frente à possibilidade de ter a fé”.³²

4. Na VRC e Presbiteral, o sofrimento é social?

É possível falar de sofrimento sem o social? O sofrimento psíquico seria também social? O sofrimento social é um problema apenas individual? É certo que o estudo sobre o sofrimento e sua relação com a dimensão social é algo recente.³³ O sofrimento humano é sempre um sofrimento social. Quer dizer que o sofrimento não corresponde somente ao aspecto individual, pois a pessoa que sofre está inserida num contexto social e institucional. De acordo com Jean Furtos,³⁴ o sofrimento do “Eu” está sempre mergulhado num contexto social. Significa que ninguém sofre só. Há sempre motivos, causas que provocam o sofrimento, por isso, ele é social. Para o pensador francês, o sofrimento é de origem social por que não há indivíduo que vive isolado, especialmente, no universo do trabalho. Não existe um “Eu” neutro do social. Desse modo, o sofrimento que é social é também psíquico, por ser capaz de abalar e afetar profundamente a confiança das pessoas. Aliás, no sofrimento social ocorre, entre outras coisas, a perda da confiança.

31 KIERKEGAARD, S. *O conceito de angústia*. Petrópolis: Editora Vozes, 2005, p. 164.

32 Ibidem, p. 165.

33 WERLANG, R.; MENDES, J. M. R. Sofrimento social. *Serv. Soc. Soc.*, n. 116, p. 743-768. São Paulo, out./dez. 2013.

34 FURTOS, J. *L'apparition du sujet sur l'ascène sociale et sa fragilité*: La précarité de la confiance. Paris: Erès, 2008, p. 15.

Uma vez que o sofrimento encontra-se inserido num contexto social, Furtos³⁵ ressalta que esse contexto de precariedade se dá através dos aspectos econômico, político e antropológico. Isso mostra que são diversas as contingências relacionadas ao desencadeamento do sofrimento. Daí a compreensão de que o sofrimento é uma forma de precariedade. A pessoa vai se isolando. Perdem-se os ideais de vida, uma vez que sua capacidade de se sentir como sujeito encontra-se debilitada. A precariedade da qual fala Furtos desencadeia no indivíduo a incapacidade de se ver como protagonista, isto é, como sujeito de sua própria condição humana.

Não há dúvida de que na VRC e Presbiteral, atualmente, talvez mais do que em outros momentos da história, existe um excesso do social na vida dos(as) religiosos(as) e presbíteros. Esse excesso do social se faz presente no demasiado tempo dedicado ao trabalho. Em muitos contextos, religiosos(as) e presbíteros não tiram férias. Além disso, são religiosos(as) dia e noite. Não existe uma separação entre o que se é daquilo que se faz. É nesse contexto que o social se apropria, às vezes demasiadamente, de religiosos(as) e presbíteros. Assim, no contexto religioso, como em outros ambientes, o sofrimento social “resulta de uma violência cometida pela própria estrutura social e não por um indivíduo ou grupo que dela faz parte: o conceito refere-se aos efeitos nocivos das relações desiguais de poder que caracterizam a organização social”.³⁶

Considerações finais

O artigo procurou explicar que o processo de aceitação dos limites, ambiguidades e inconsistências, quando feito com responsabilidade, contribui positivamente para uma análise do sentimento do porquê da não realização na VRC e Presbiteral. O que era negativo pode tornar-se positivo. Explicou-se, ainda, que a *síndrome de burnout*, frequentemente identificada na VRC e Presbiteral, pode ser um entrave para o não sentimento de realização. O que antes começou como sinal de realização, ou seja, a constante doação ao trabalho, pode se tornar, num curto intervalo de tempo, desmotivação para o seguimento de Cristo. Como explicado, tal síndrome suga as forças e o(a) religioso(a) ou o presbítero corre o risco de cair no vazio existencial.

As pessoas, de modo geral, e, especificamente, os(as) religiosos(as) e presbíteros, são convidadas a perceber a importância que tem o “Outro” na

35 _____.. *Introduction – Étre dérangé par le social*. Paris: Erès, 2008, p. 1.

36 PUSSETTI, C. L. Sofrimento social: Idiomas da exclusão e políticas do assistencialismo. *Revista do centro em rede de investigação em antropologia*, v. 15, p. 1-35. Lisboa – Portugal, 2011, p. 7.

dimensão da aceitação. Abrir-se, portanto, a esse “Outro”, em vista de dar nome aos sentimentos, tem o poder de curar corações feridos e desiludidos. Quem é este “Outro”? Cabe ao(à) religioso(a) e ao presbítero responder para si mesmos(as) quem é esse “Outro” em sua vida. Pode ser um profissional da psicologia, ou um confessor, ou, ainda, o diretor espiritual etc.

Colocou-se em discussão a temática do(a) líder como alguém que precisa cuidar de si e do “Outro”. Zelar pela vida de oração da comunidade, propor leituras, sobretudo espirituais etc. O(a) superior(a) ou líder precisa ser alguém capaz de dialogar com seus próprios sentimentos. É preciso saber lidar com as seguintes realidades, tanto em si como na existência dos membros da comunidade: agressividade, ciúme, inveja, mentira, insatisfação, solidão, insegurança, hipersensibilidade e angústia. Assim, cabe ao(à) superior(a) cuidar de si e do “Outro” em vista da realização na VRC e Presbiteral, mas contando com o espírito de abertura por parte da comunidade religiosa.

O artigo buscou mostrar que, na VRC e Presbiteral, o sofrimento precisa ser compreendido como uma realidade social. Todo sofrimento é social? Foi dito que não há sofrimento que não seja social. O “Eu” encontra-se inserido sempre em um contexto social. Daí que o sofrimento social é também psíquico, pois, uma vez que a pessoa se sente afetada em sua totalidade, sobretudo no âmbito de sua confiança, significa que a dimensão psíquica se torna o aspecto mais vulnerável na estrutura de personalidade. Presbíteros e religiosos(as) são seres sociais. Certamente, estão sempre inseridos(as) num contexto religioso que é, por sua vez, também social.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em grupo:

1. O que chamou mais sua atenção no artigo?
2. Quais são os questionamentos que surgiram para você e para sua comunidade ao discutir sobre “cuidado de si e do(a) outro(a) na VRC e Presbiteral”?
3. Em sua comunidade você percebe que há preocupação com a dimensão do cuidado do(a) outro(a)?

Referências

- BERLINCK, M. T. *Psicopatologia fundamental*. São Paulo: Escuta, 2000.
- CARRARA, P. S. Apreciações – O sofrimento psíquico dos presbíteros: Dor institucional, por W.C. C. In: *Revista Eclesiástica Brasileira* (REB), n. 287. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.
- FREUD, S. *O mal-estar na civilização*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (v. XXI, p. 73-143). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. Esboço de psicanálise e outros trabalhos. In: _____. *Moisés e o monoteísmo três ensaios*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (v. XXIII, p. 151-222). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FURTOS, J. *L'apparition du sujet sur l'ascène sociale et sa fragilité: La précarité de la confiance*. Paris: Erès, 2008, p. 12-22.
- _____. *Introduction – Êtredérangé par le social*. Paris: Erès, 2008, p. 1-6.
- HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.
- JOVCHELOVITCH, S. Vivendo a vida com os outros: Intersubjetividade, espaço público e representações sociais. In: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (Orgs.). *Psicologia social – textos em representações sociais*. Petrópolis: Editora Vozes, 2011, p. 53-68.
- KIERKEGAARD, S. *O conceito de angústia*. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.
- LACAN, J. *O seminário – Angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004, Livro 10.
- LUKAS, E. *Psicologia espiritual*. São Paulo: Edições Paulinas, 2002.
- MANENTI, A. *Vocação, psicologia e graça*. São Paulo: Edições Loyola, 1991.
- NOVELLO, F. P. *Um mergulho em si*. São Paulo: Edições Paulinas, 2000.
- PEREIRA, W. C. C. *Sofrimento psíquico dos presbíteros: Dor institucional*. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.
- PUSSETTI, C. L. Sofrimento social: Idiomas da exclusão e políticas do assistencialismo. *Revista do centro em rede de investigação em antropologia*, v. 15, p. 1-35, Lisboa, Portugal, 2011.
- ROGERS, C. R. *Tornar-se pessoa*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- WERLANG, R.; MENDES, J. M. R. Sofrimento social. *Serv. Soc. Soc.*, n. 116, p. 743-768, São Paulo, 2013.

Vida Religiosa Consagrada em uma sociedade pós-cristã

PE. VICENTE DE PAULA FERREIRA¹

Toda cultura possui suas luzes e sombras e carece de transformação contínua e o evento cristão é instância crítica que deve promover as conquistas e iluminar as sombras de cada época. “Vós sois o sal da terra, vós sois a luz do mundo” (Mt 5,13-14). O interesse desta reflexão, além de tentar entender o que significa uma sociedade pós-cristã, é propor a Vida Religiosa Consagrada (VRC) como dom importante para a contemporaneidade, presença de uma gratuidade existencial que acontece na relação com o amor de Deus, no serviço despojado aos seus filhos mais feridos. A VRC, sensível às transformações de sua época, é chamada a avaliar posturas arcaicas que ofuscam sua inserção nas realidades plurais da contemporaneidade para encontrar pistas concretas para o testemunho hoje.

1 Pe. Vicente de Paula Ferreira é redentorista, formador dos junioristas, estudantes de Teologia, em Belo Horizonte. Durante nove anos foi Provincial da Província redentorista do Rio de Janeiro. Doutor em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora, pós-doutor em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e de Teologia, em Belo Horizonte, e membro do Grupo de Pesquisas Interfaces na mesma faculdade. É psicanalista integrante da Sociedade de Estudos Psicanalíticos de Juiz de Fora. Recentemente, publicou o livro “Cristianismo não religioso” e duas obras de poesias e crônicas. Endereço: Rua Capitão Leonídio Soares, 751, Planalto - Belo Horizonte - MG, CEP: 31720-590 - pe.vicente@yahoo.com.br.

1. Sociedade pós-cristã?

Em vários sentidos, o cristianismo já não é instância reguladora da cultura pós-moderna. O pluralismo de valores, muitas vezes antagônico ao que espera aquele que professa a fé em Jesus, é uma constatação. A dicotomia entre fé e vida, o império do mercado neoliberal, a manipulação dos meios de comunicação social, a avalanche de propostas espirituais reforçadas pelas teologias da prosperidade, são elementos que compõem esse complexo cenário. Tempo que provoca desamparo e, até mesmo, sentimento de fracasso aos quem desejam viver, com seriedade, sua consagração religiosa. Crises vocacionais lançam aos indivíduos e congregações apelos não fáceis de serem respondidos. Diante de uma cultura com fortes marcas narcísicas, na qual o prazer e o ter se impõem de forma exagerada, de que forma é possível propor o caminho de dedicação radical a Deus, no serviço discreto e alegre aos irmãos, às novas gerações?

É necessário reconhecer também que nem tudo é sombra nos tempos hodiernos. O termo “pós-cristão” não será tratado como ateísmo total ou superação absoluta dos valores cristãos, como se a sociedade atual tivesse deixado para trás, de uma vez por todas, os valores evangélicos. Essa talvez seja a tendência de uma racionalidade pragmática avessa à religião, por entendê-la como empecilho ao progresso e à autonomia subjetiva. Não é o caso, por exemplo, de pessoas de boa vontade que procuram defender a dignidade humana em formas de humanismo radical. Com o retorno de tantas manifestações religiosas e de outras buscas laicas pela dignidade humana, na pós-modernidade, a disputa entre crentes e ateus tornou-se infrutífera. A religião não morreu e a experiência cristã continua viva, ainda que fragmentada, e sua plausibilidade merece ser aprofundada nos dias de hoje. O mais importante talvez seja discernir que tipo de espiritualidade está em sintonia com o caminho proposto por Jesus, quais os sinais de vida e as idolatrias que existem no contexto atual. O diálogo entre fé e cultura, em busca da civilização do amor, é bem mais importante do que posturas preconceituosas entre crentes e não crentes.

Além disso, os avanços técnicos e científicos exigem também, de qualquer espiritualidade, um empenho no aprofundamento da plausibilidade de sua tradição. São inegáveis as buscas por uma solidariedade universal, pela defesa do meio ambiente, lideradas por instâncias civis e laicas. O fato de a cristandade ter sido superada não significa que isso seja sinônimo de falta de empenho na construção da dignidade humana. Espera-se uma

postura dialogal da pessoa consagrada a Deus em relação ao conjunto de ganhos e perdas da comunidade humana. O testemunho da verdade kenótica de Cristo não seria elemento fundamental da VRC num contexto de vulnerabilidade pós-moderna?

De alguma forma, as críticas feitas à sociedade contemporânea como sendo “pós-cristã” não são motivadas apenas pelos elementos antievangélicos que nela se encontram. É necessário reconhecer que há também saudosismo em relação a um *status* social que o cristianismo não possui mais. Além disso, os inimigos do cristianismo não se encontram somente *ad extra*. Muitas formas de evangelização e de compreensão da fé cristã são apenas caricaturas frágeis e contraditórias do projeto de Jesus. Como vislumbrar uma nova figura do(a) consagrado(a) enquanto pessoa revestida por um mistério divino que o(a) coloca disponível a uma escuta atenta da gratuidade amorosa de Deus, no serviço aos irmãos pequenos da história, na vulnerabilidade da vida?

2. Vulnerabilidade pós-moderna e religiosidade

Muitas comunidades de vida, congregações religiosas, buscam ser inspiração para os tempos atuais, através de audaciosa fidelidade ao Evangelho de Jesus. Pessoas que, atentas às novidades de Deus, aceitam que a Boa-Nova do Cristo é interpelação que nenhuma configuração social consegue esgotar a totalidade de seu sentido. Não se acomodam, por isso, a posições neuróticas, presas a uma expectativa de VRC ideal. Abraçam o cotidiano enquanto lugar de cuidado da vulnerabilidade existencial, em todos seus aspectos, à maneira de Jesus Cristo, que passou pelo mundo fazendo o bem. Não se esquecem que a liberdade humana está radicalmente marcada por interesses, afetos, cultura, linguagem, época. Que ela é dinâmica e não estática e que não basta conhecer uma verdade para que as coisas funcionem. Papa Francisco é um desses acenos da plausibilidade da presença cristã em tempos atuais. Seus gestos e palavras apontam para uma nova presença do cristianismo no mundo, através de uma Igreja misericordiosa e compassiva com as periferias geográficas e existenciais da humanidade.

Essa abertura positiva de alguns movimentos do cristianismo em geral e da VRC é respaldada pela profecia de pensadores que mostraram que, com a emancipação da hermenêutica, a contemporaneidade tem exigências concretas como o diálogo e a caridade. Ainda que movimentos mais alérgicos ao cristianismo e a toda forma de religião possam ser criticados, eles oferecem ao crente pós-moderno elementos para se pensar numa fé um

pouco mais amadurecida e menos ingênua. O Concílio Vaticano II é um evento importante de encontro da Igreja com o mundo moderno, inclusive propondo um diálogo com o ateísmo. E mais ainda, a Igreja reconhece que, em muitos casos, contribui com cenários ateus a “falta de coerência entre fé e vida”.²

Elementos importantes que se impõem na pós-modernidade plural são o enfraquecimento do conceito de verdade e de valores e a urgência da práxis da caridade. O fundamentalismo e o relativismo são exemplos de posturas que levam ao sofrimento, ora pela imposição violenta, ora pelo descaso. O objetivo de conhecer a verdade plena das coisas e instaurar uma forma de vida capaz de corresponder bem a ela enfraqueceu-se. A crença em uma sociedade organizada a partir de sentidos unitários de história, de desenvolvimento, deu lugar a inúmeros projetos e às suas profecias de que não existem fatos, mas interpretações. O pluralismo se tornou uma realidade globalizada, sobretudo com os acelerados avanços tecnológicos e midiáticos.

A hermenêutica se destaca como paradigma de interpretação da vida ao revelar que o ser humano não somente faz interpretação da realidade, mas que ele próprio já é uma interpretação em sua singularidade existencial. As grandes instituições, que ainda conseguiram sobreviver no contexto do iluminismo, do sujeito racional, senhor de sua história, receberam fortes resistências de um modelo de vida mais afeito às preferências emocionais, exigindo diálogo, círculos de debate, formação das consciências, paciência histórica. Mais ainda, a corporeidade se impôs como novo lugar da pessoa pensar a vida, suas relações e sua fé. Se, num primeiro momento, a era da globalização, da secularização, tinha a pretensão de chegar a um sujeito emancipado, hoje, no fim das grandes verdades, ela se depara com certa fragilidade globalizada, que carece de cuidado compartilhado.

A fragilidade social latino-americana é exemplo vivo do desamparo que não passa apenas por discussões de ideias, mas pelo corpo dos pobres. Como falar de fé cristã num contexto de experiências religiosas que as próprias Conferências Episcopais reconhecem como sendo geradoras de séria dicotomia entre fé e vida? Repensar a VRC, num continente de muita crença e pouca libertação, parece ser um dos grandes desafios. Os espetáculos de ritos religiosos ligados à mídia e ao mercado, mais parecidos com shows de auditórios dominicais do que com a profunda experiência do mistério de Deus, encarnado em Jesus de Nazaré, é realidade que corre o risco de agir contra o próprio cristianismo.

2 CELAM. *Documento de Santo Domingo (DSD)*, n. 44.

Assim, o ponto central e talvez mais perigoso em tempos de vulnerabilidade, é o de uma religiosidade que reforça o estrato cultural de posturas narcisistas onipotentes. O enfraquecimento da solidariedade e dos projetos comuns, o surgimento de um sujeito enclausurado numa espécie de redoma dos interesses pessoais pode levar as pessoas a não encararem suas fragilidades como lugar de empenho da liberdade para um caminho de amadurecimento, no encontro com o outro. Desde o descaso para o bem público até as mais sutis vaidades pessoais, muita gente se perde em demasiadas preocupações de autoconservação, ferindo princípios básicos de milhões de pessoas excluídas. Para manter essa postura alienada, as sofisticadas leis do mercado capitalista tratam de moldar o desejo dos sujeitos em formas de consumo “religioso” cada vez mais acelerado.

Não é difícil imaginar que muitas posturas de líderes e grupos religiosos também compartilhem desse afã pelo sucesso de público e dinheiro. Não é o que se percebe em tantos ritos que prometem curas de toda espécie, milagres a toda hora? Quantos cultos católicos, preocupados em lotar seus templos, alienam as pessoas com promessas fantasiosas, tendo à frente líderes que exercem o fascínio das pessoas, infantilizando-as com respostas fáceis para seus problemas? O que tem isso a ver com a experiência do Espírito Santo de Jesus que atua desde a ferida da pobre condição humana, fertilizando-a para assumir sua liberdade de filhos e filhas, parceiros de Deus numa criação continuada?

No meio de todas essas questões, uma convicção aparece. A fragilidade antropológica que se impõe na contemporaneidade exige escolhas que não levam ao mesmo lugar. Se a postura de quem detém o domínio e o poder é de exploração dessa carência, manipulando corpos, excluindo pessoas, o consagrado de Jesus não pode compactuar com tal postura. De fato, repensar a presença do cristão no mundo de hoje não pode ter a pretensão de escolhas pelo *status quo*. O mundo capitalista neoliberal se encontra cada vez mais organizado em favor de quem domina e tem poder econômico. Grandes são seus sinais de doença. No entanto, o tempo atual entrega aos cristãos de hoje a possibilidade de retomar aquele itinerário bíblico no qual o Espírito de Deus atua desde a mais tenra fragilidade humana. Se o desamparo, em muitos casos, é explorado ou tratado como realidade impotente apenas, o consagrado de Jesus diz, com seu mestre e amigo, “te dou graças porque revelastes essas coisas aos pequeninos”. Não aceita que as feridas dos tempos atuais sejam escutadas de maneira artificial e exploradas pelo mercado ou manipuladas por espiritualidades que alienam ainda mais.

Desvestido de um grande outro, o contexto “pós-cristão” clama por novas configurações que sejam capazes de ajudar o destino humano pelas veredas de uma justiça universal. Apressadamente, instâncias como o mercado e a grande mídia se colocam no lugar de domínio das massas, impondo-lhes um jeito de vida que supervaloriza o aspecto econômico, com suas promessas de felicidade duradoura. Mas o que se vê, para muitos, é a instauração de vazios que perigosamente são capturados pelo fundamentalismo ou pelo relativismo. Além do abismo cada vez maior entre uma minoria rica e a maioria pobre. Nesse contexto, ressurge também a religião, e muitos se apegam às suas novas manifestações sem qualquer discernimento. A VRC, por isso, é chamada a refazer suas rotas, não se esquecendo de sua identidade maior, que é o seguimento da pessoa de Jesus. Sua vocação será, cada vez mais, a de pastorear as feridas abertas da humanidade à luz do Espírito do Senhor, que faz novas todas as coisas.

Essa luminosidade parcial da VRC deve ser cultivada no silêncio disponível para escutar os acenos do mistério que não deixa a vida humana se transformar em ente manipulado pela ciência e pela técnica, ou até mesmo por posturas religiosas que compactuam com tais realidades. A escuta silenciosa não se confunde com passividade. Ela é geradora de uma disponibilidade para testemunhar a radical diferença entre ser e ente. Numa linguagem cristã, a consagração religiosa é lugar de visibilidade da fundamental relação da criatura humana com seu criador. O evento Jesus Cristo instaura a singularidade dessa filiação da humanidade, criada gratuitamente para continuar a obra da criação. Deus concede ao homem, em Cristo Jesus, a liberdade capaz de acrescentar algo de definitivo no coração da criação. “É para a liberdade que Cristo nos libertou” (Gl 5,1). Liberdade que instaura a nova humanidade, não mais escrava, mas livre pelo dom da filiação. “Vós sois a lavoura de Deus, construção de Deus” (1Cor 3,9). Sonegar essa mensagem e condições de possibilidade para que toda pessoa seja por ela interpelada e iluminada é um grande pecado que a VRC pode cometer.

Essa disponibilidade para a escuta do mistério conduz o(a) consagrado(a) a uma estilística existencial que coloca no centro de seu cotidiano a oração e o apostolado. No espaço da gratuidade oracional encontra-se a possibilidade dos investimentos para o amor concreto aos irmãos, sem se perder na instrumentalidade de um fazer puramente categorial. Em muitos casos, o vazio em comunidades religiosas começa por uma desastrosa anemia contemplativa. Com isso, a pastoral se torna cansativa e infelizmente a banalização do mistério substitui um jeito de ser mistagógico, que conduz

as pessoas a uma experiência de Deus que não coincide apenas com suas próprias ideias ou desejos.

A paixão pela busca da face de Deus é elemento fundamental para o encontro de respostas não banais para as crises humanas e de fé. A inquietude da busca é atuação continuada de uma liberdade que não aceita as respostas fundamentalistas prontas ou a covardia de se pensar que qualquer valor chegará a lugares iguais. Somente no risco de uma liberdade em movimento é que Jesus Cristo mostra sua redenção, capaz de acolher, sem reservas, aquele que erra. Aliás, o próprio Deus também assumiu os riscos da história como lugar de seu amor. Caminhar com fé não significa certeza absoluta. É relação que não extirpa os limites da criaturidade. Encontro que se dá entre claridade e obscuridade. É a busca não de uma posse, mas de uma relação de confiança. Nesse sentido, a VRC deve auxiliar a Igreja a reconduzir as pessoas ao mistério de Deus. Para isso, tem que dobrar a vigilância para com o excesso de representações do sagrado, inclusive em liturgias que ofuscam a ação salvífica dos próprios sacramentos. Desconfia-se de uma intimidade com Deus que não desabroche na práxis fraterna ou se perde em exibicionismos litúrgicos que comprometem a grandeza do que se celebra. Infelizmente, a própria Eucaristia, por despreparo de seus ministros, ou por outros interesses, tornou-se palco de tudo, menos do encontro sacramental do Senhor com sua comunidade.

4. *Fraternidade: a fecundidade consagrada*

Não há possibilidade de um caminho de fé cristã sem a experiência do encontro com o mistério do Deus encarnado de Jesus Cristo que manifesta e realiza o amor enquanto categoria única de sentido da vida. Amor que inclui, mas que extrapola as demandas de *eros*, como *ágape* divino, instância crítica e de juízo para todo e qualquer amor humano (Mt 25). O amor ao mais abandonado pode se tornar apenas uma discussão partidária, caso não venha acompanhado pela intimidade com o Senhor, que sendo Deus, esvaziou-se para que seu amor fosse manifestado e realizado nas regiões mais insignificantes da história. A alegria da vida religiosa nasce do despojamento de quem sabe que a iniciativa primeira é do Senhor, aquele que amou primeiro, que inaugurou a beleza da experiência de amar até o inimigo. Ele, que tudo começou, quis contar com seus discípulos. Por isso, São Paulo afirma: “eu vivo, mas não eu: é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20).

A vocação religiosa consagrada é um reservatório de sentido cristão que renova sempre a vida da Igreja porque a pessoa, alcançada pela gratuidade do convite divino para a construção da fraternidade, vive a mística da criatura

nova, na *via amoris*. “Se alguém está em Cristo, é criatura nova (2Cor 5,17)”. O encontro com o Senhor provoca, necessariamente, a saída de si para o encontro com o outro. O encontro com o Mestre possibilita um aprendizado amoroso, numa comunhão que fecunda a missão. Quanto mais fiéis nas periferias da vida, mais unidos ao Cristo, em oração. Ser contemplativos é confrontar-se, constantemente, com aquele que redime o ser humano do egoísmo.

O eixo central de qualquer vida consagrada religiosa, na contemporaneidade, passará pelo estilo existencial de Jesus Cristo. Sua *kénosis* tem nome concreto, é a defesa de um modo de vida que cura as feridas. Toda sua singularidade histórica foi marcada pela intimidade com o Pai, a partir de sua condição filial, e pela força do Espírito que o conduziu sempre ao encontro com os mais pobres. Aprendeu a ser filho do Pai misericordioso para revelar um modo de vida plena. Por isso, fé em Deus e fraternidade são eixos radicais para o religioso consagrado que busca ser luz do mundo. Uma vida que queira ser no Espírito de Jesus, sem o encontro com a dor do mundo, é contradição. Papa Francisco tem insistido muito que é preciso sair do ninho para estar em contato com a vida concreta dos homens e das mulheres de hoje. E não é raro encontrar situações, dentro das Congregações e Institutos, que se parecem mais com redomas que infantilizam seus membros, ao invés de incentivarem um caminho de maturidade e autonomia corresponsável para uma vida dedicada a Deus e aos outros.

A fraternidade é eixo que o consagrado assume como forma fecunda de paternidade e maternidade, evitando o desgaste de uma vida estéril. Entre os muitos perigos pelos quais passa a pós-modernidade técnica e científica, encontra-se o da violência e do descaso com a vida do outro, principalmente do mais frágil. Tantas são as vítimas das guerras, das corrupções, do domínio do dinheiro. Para muitos, o que se globaliza não é a beleza da técnica nem os confortos da ciência, mas a necessidade de fugir de sua pátria, de viver de forma clandestina. A VRC tem missão importante de estar em diálogo com essa realidade, iluminando-a com a luz do mandamento do amor fraterno. Cada comunidade já será a constituição de uma ponte de encontro entre as pessoas, ao destruir as cadeias da violência e da exclusão, iniciando por aquelas que podem ocorrer dentro da própria casa.

5. Formação: a mistagogia da beleza

Deus, na força do Espírito de seu Filho, que perscruta todas as coisas, sempre interpela o ser humano ao encontro amoroso que excede as barreiras do egoísmo. O Espírito é o grande pedagogo que se manifesta em todas as realidades,

inclusive nas mais frágeis e pequenas. Seria uma contradição um(a) religioso(a) consagrado(a) que pretendesse assumir uma postura arrogante, dono(a) da verdade, enclausurado(a) em suas próprias convicções. Muitas vezes, nesse caso, a crise da VRC não ocorre porque ela está inserida em contextos hostis, mas porque seus próprios membros perderam a capacidade do encantamento com a beleza do universo, com o milagre de cada pessoa. Nesse caso, perdeu-se a capacidade artística da poesia, da música, de uma alegria gratuita.

Um dos pontos mais belos da vocação do(a) religioso(a) consagrado(a) é estar revestido(a) de uma convicção de que a vida é dádiva, não para si, mas para a construção do Reino de Deus. Os seus votos não teriam razão se não possibilitassem uma estilística existencial em sintonia com o Mestre que viveu uma radical disponibilidade aos irmãos. A pobreza foi o caminho que ele escolheu para a solidariedade, para revelar a dignidade dos pobres; na obediência foi totalmente Filho, mostrando a primazia de Deus na vida; na castidade, doou-se inteiro aos carentes de amor. Os votos apontam para uma conformidade com a beleza cristã que move toda a existência. Nos caminhos formativos é urgente prestar muita atenção ao índice excessivo de narcisismo que muitos perfis vocacionais apresentam. Pessoas autoritárias ou passivas demais devem ser incentivadas a um processo de confronto com a radicalidade da VRC. Na Pastoral Vocacional o índice de narcisismo do candidato é elemento fundamental para um autêntico caminho de discernimento.

Não existe passo mais importante do que investir numa formação inicial e contínua, que não se acostume em interpretar com superficialidade os cenários contemporâneos. Infelizmente encontram-se entre os(as) religiosos(as) um grande déficit de leitura dos livros e da vida. Pessoas que se acostumam a conclusões imediatas sobre tudo a partir dos dogmas já estabelecidos. Não se implicam nas pesquisas, na árdua tarefa que a atualização do Evangelho exige. A dimensão mistagógica deve ser recuperada como iniciação processual e contínua ao mistério de Cristo, para que não se instituem pessoas acomodadas ao mercado do efêmero, felizes porque têm conforto e sucesso, pouco preocupadas com a transfiguração da realidade a partir do mistério pascal. Quantos(as) não se tornam funcionários(as) do sagrado, muito acostumados(as) em administrar estruturas que apenas revelam ostentações? Nesse sentido, a secularização pede dos(as) religiosos(as) respostas mais urgentes; pessoas sábias que reconhecem os valores também de movimentos laicos honestos.

O caminho da beleza da arte deveria encontrar-se na *Ratio Formationis* de cada família religiosa, incentivo não menos importante. Porque, no fundo, quem não cultiva a sensibilidade pela maravilha de toda criação, como encontrará Deus nas insignificâncias das feridas dos pobres? Não se trata de uma

utopia, mas de uma *via pulchritudinis* que tem como ponto de partida o fato de que ele é origem e fim de todas as coisas. Não é à toa que os(as) místicos(as) sempre valorizaram a poesia, a música, a arte como lugares de encontro da alma com Deus. A sensibilidade estética pós-moderna apresenta à VRC um caminho a ser trabalhado, progressivamente, para que os(as) religiosos(as) não sejam tragados(as) por aquilo que o Papa Francisco chama de bulimia virtual, consumo demasiado de informações sem profundidade. Para isso, é necessário formar para um pensamento aberto e do encontro. Gente que saiba ler, na diversidade da vida, os sinais de Deus. A arte de formar é imprescindível para não transformar os(as) religiosos(as) em burocratas frios(as) ou em racionalistas que não conseguem passar uma espiritualidade vivida, capaz de chamar outros para uma experiência de entrega radical da vida à beleza do mistério de Deus e dos irmãos. A encarnação do Senhor, na história da humanidade, estabelece uma revolução da ternura e da mansidão. Os(as) fundadores(as) das congregações foram pessoas que souberam inaugurar uma antecipação escatológica em meio aos desafios de seu tempo. A casa dos(as) religiosos(as) deve, por isso, inspirar alguma coisa de teopoética.

Palavras finais

A vulnerabilidade pós-moderna afeta o coração da VRC. As feridas do mundo são também dos(as) consagrados(as). Mas essas constatações não justificam posturas acomodadas. Ainda mais porque no meio das fragilidades também moram as possibilidades, desde que se queira fazer caminho. A oração de Jesus é significativa: “Eu não vos rogo que os tires do mundo, mas que os guardes do maligno” (Jo 17,15). Numa leitura espiritual, mundo é toda materialidade fechada que não produz frutos. Quando a liberdade deixa de ser criativa para se acomodar à instrumentalidade do cotidiano. É o perder-se na massa das opiniões. O(a) discípulo(a) de Jesus, o(a) religioso(a) consagrado(a), tem a específica vocação de ser fermento na massa. Discernimento e pastoreio da vida são atitudes importantes para a VRC hoje.

Um segundo elemento que ficou claro é a impossibilidade da vivência da consagração sem a intimidade existencial com o redentor da história. União que se traduz numa vida de oração e de muito apostolado. Santo Afonso, o fundador dos Redentoristas, grande mestre de oração, fez em sua vida o voto de não perder um minuto de tempo. Da combinação entre oração e trabalho dependerá a qualidade da VRC contemporânea. Caso esses dois eixos se percam, surgirá imediatamente uma espécie de vida superficial e infértil. Pensar num(a) religioso(a) sem densidade humana e espiritual é compactuar com as futilidades do tempo atual.

Ainda, a fraternidade é o lugar da fertilidade de quem faz opção pela VRC. É o dom maior do Senhor. Amai-vos uns aos outros é o legado mais precioso de toda a história da salvação. “Se alguém disser: amo a Deus, mas odeia o seu irmão, é mentiroso” (1Jo 4,20). A VCR é convocada a ser esse grande dom para uma cultura tão comprometida com uma espécie de narcisismo que enclausura as pessoas em seus interesses tão estreitos, tornando-as escravas de um estilo de vida dominado pelo dinheiro. Esse estilo de vida fraterno, gerado no interior das comunidades, é também um grande dom para os pobres. O lugar da VCR contemporânea, se não for no meio das realidades que clamam por justiça, estará fadada ao fracasso.

Por fim, consagrar a vida a Deus e aos irmãos, num seguimento cotidiano de Jesus, é assumir a beleza que a bondade divina mostra em todas as coisas. Beleza que mora secretamente no seio das realidades mais simples, no coração de quem ama, mesmo no sofrimento. É a antecipação escatológica do Reino de Deus. Se a pós-modernidade critica os sistemas totalitários, ela faz a VRC avançar na superação dos fragmentos de espiritualidade que ainda não foram iluminados pela páscoa cristã. Ela é provocada a sair da lógica da reciprocidade para habitar a gratuidade que supera o ódio por meio do perdão. O que somente será possível superando os processos victimários do egoísmo, devolvendo a esperança ao coração da humanidade que em muitas regiões já sente seu naufrágio. Para tanto, o processo inicial e contínuo da formação de cada pessoa que entra na VRC, ou fará opção pela formação de uma consciência cristã livre em Jesus Cristo, portanto, por uma mistagogia que leve a reconciliação pela experiência do amor a Deus e ao próximo, ou sentirá seus fracassos diante dos inúmeros atalhos da liberdade que o mundo contemporâneo apresenta.

Questões

1. Em sua história pessoal e de sua Congregação, quais pessoas são exemplos de criatividade apostólica diante dos desafios e possibilidades de ontem e de hoje?
2. Que respostas sua comunidade tem buscado no que diz respeito ao amadurecimento humano e espiritual de seus membros, investindo no processo de formação humana e espiritual, inicial e permanente?
3. O que dizer de certa banalização do sagrado, desde os aspectos litúrgicos, até uma forma de evangelização que não leva a pessoa a um amadurecimento humano e espiritual, sonhando a esperança do Evangelho aos mais feridos da história?

Ó profundez da sabedoria de Deus: Tu unes os opostos e invertes nosso pensar! Por uma Teologia da Reciprocidade

FREI JOHANNES GIERSE ¹

De início, permita uma pergunta direta: você reconhece que de vez em quando pinta o mundo em preto-branco? Você percebe a vida a partir de um dualismo que distingue as coisas em espírito x corpo, homem x mulher, sadio x doente, nós x outros? Já pensou que este estereótipo mental de transformar a realidade complexa em oposições, hierarquicamente ordenados, é problemático por favorecer o surgimento de inimigos, relações de poder e opressão e, sobretudo, o desligamento da pessoa humana de suas relações vitais?

A mentalidade de dividir o mundo em “preto-branco” ganha cada vez mais relevo devido à crescente polarização ideológica que se infiltra nas sociedades: direita x esquerda; ricos x pobres, cidadãos-nativos x diferentes e estrangeiros. Em consequência disso decorre forte e às vezes violenta intolerância religiosa, política e social.

Para a profundez da sabedoria de Deus, as diferenças e os opostos não representam um problema, menos ainda uma ameaça, mas uma multiforme e integradora riqueza; algo que inverte nosso jeito de pensar e agir! Nosso ponto de partida consta no Livro de Eclesiástico: *Como em nós lhes*

1 * Johannes Gierse é alemão, no Brasil desde 1990, membro da Província Franciscana de Nossa Senhora da Assunção, Bacabal (MA), com experiências pastorais no Nordeste e na Amazônia e mestrado em Missiologia pelo ITESP.

(os estranhos) *demonstrastes santidade, assim mostrai-nos vossa glória através deles* (os estranhos), *para que saibam e confessem como nós que não há um outro Deus, além de vós* (cf. 36,4.5). Certo dia, ao recitar o Ofício Divino, este versículo tornou-se para mim a faísca que acendeu a ideia de refletir sobre isso. Assim, a reflexão, sem pretender, dá continuidade à reflexão anterior “Irmãos e irmãs de criação! Reciprocidade, solidariedade e gratuidade”.²

O autor do livro do Eclesiástico (séc. II a.C.) pede a Deus realizar uma “revelação recíproca” entre o povo judeu e os estranhos: Assim como os pagãos chegaram a conhecer a santidade através dos judeus, o povo de Israel enxergue a glória de Deus presente nos estranhos, com a finalidade que ambos e juntos confessem o único Deus.

O apóstolo Paulo descobriu a mesma pedagogia de Deus: o passo falso dos israelitas se tornou riqueza insondável, a saber, a adesão de todos ao Evangelho! De outro lado, a salvação dos pagãos serve para despertar o ciúme nos israelitas (Rm 11,11-12). Realizar uma complementariedade de opostos, antes não imaginável, é coisa de Deus: o passo falso de um vira salvação de outro, e vice-versa (Rm 11,30). Um pequeno número se torna riqueza para todos, e o terceiro a se alegrar é o próprio Deus. Isto é Evangelho!

No início da história da salvação: Deus une em si os opostos

O salmista diz que mesmo que a glória do Senhor vá além dos altos céus (Sl 113/112,4-5b), ele se inclina para olhar a terra interagindo nas coisas humanas, especialmente nas mais adversas: “Ergue da poeira o indigente, da imundície levanta o pobre” (Sl 113/112,7).

O Novo Testamento narra a história como Deus leva a integração dos opostos entre Céu e Terra ao cume. No mistério da encarnação, sua generosidade alcançou a maior profundidade: “Fez-se homem o próprio Deus; conservando a divindade, assumiu a humanidade” (antífona nas Laudes do dia 1º de janeiro; cf. Fl 2,6-7). E pelo mistério pascal “Ele fez de céus e terra uma pátria de unidade”, proclama o hino. A loucura deste intercâmbio celeste-terrestre expressa-se também no procedimento de realizá-lo: “de rico que era, tornou-se pobre por causa de vós, para que vos torneis ricos, por sua pobreza” (2Cor 8,9).

Na sua missão de construir a ponte entre Deus e a humanidade, Jesus Cristo alargou o horizonte estreito do seu povo judeu e enxergou a presença de Deus também nos povos pagãos, considerados distantes dele: através

da samaritana (Jo 4,7-25) e do bom samaritano (Lc 10,33-35) nos diz que a verdadeira religião sai de dentro da pessoa humana; através da mulher nascida na Fenícia (Mc 7,24-30) nos explica que ele veio para todos; através do centurião romano (Lc 7,1-10) demonstra uma fé sem fronteiras.

Comunidades cristãs judaicas x comunidades cristãs entre os pagãos

Para os cristãos não era fácil entender e vivenciar este jeito de Deus ser. Os costumes culturais-religiosos enraizados proibiam que um judeu se relacionasse com um estrangeiro ou que entrasse na casa dele (At 10,28), a tal ponto que os fiéis de origem judaica discutiram com Pedro (At 11,3). A partir daí, podemos imaginar o quanto era desafiador para as comunidades cristãs judaicas seguir “o Caminho”, aberto para todos. Até na comunidade de Jerusalém os fiéis de origem grega se queixaram dos de origem hebraica por deixarem as viúvas de lado no atendimento diário. Dessa discriminação racial-religiosa Deus aproveitou para inspirar o ministério dos servidores da caridade, o diaconato (At 6,1-6).

Pedro, na casa de Cornélio, teve que aprender que, para Deus, o critério não é a pureza-impureza, mas o temor a ele e a prática da justiça, não importando a nação à qual uma pessoa pertence (At 10,28a.34-35). Por isso, no Concílio de Jerusalém, que discutiu sobre a questão da circuncisão dos pagãos, o Apóstolo afirma que Deus não faz distinção entre pagãos e judeus, mas dá o Espírito Santo a todos. Este desígnio divino implicou para os judeus uma mudança revolucionária de fé: o coração se purifica mediante a fé e não pela imposição de um jugo insuportável. Todos se salvam gratuitamente por Jesus Cristo.

Paulo, o missionário *ad gentes*, compreendeu a loucura contida na cruz: “O que era dividido, ele fez uma unidade. Ele quis, assim, a partir do judeu e do pagão – separados pelo muro da inimizade –, criar em si um só homem novo, estabelecendo a paz” (Ef 2,14-16). Portanto, um corpo único é formado por judeus ou gregos, circuncisos ou incircuncisos, escravos ou livres, estrangeiro ou bárbaro, e o que conta é Cristo, que é tudo em todos (1Cor 12,13; Cl 3,11). Embora Deus tenha preparado Pedro para evangelizar os judeus e Paulo os pagãos, as duas colunas selaram sua comunhão recíproca dando-se as mãos e assumiram o cuidado dos pobres como critério *sine qua non* da missão (Gl 2,8-10).

Isso traz uma luz para o diálogo ecumênico e inter-religioso: o diferente não é percebido como um opositor que me ameaça, mas como um

interlocutor através do qual eu encontro e complemento a minha própria identidade; e juntos apontamos para alguém “Além e Maior”. Dois exemplos para ilustrar: o Padre Hermano Borg, coordenador do Centro Franciscano Portiuncula, em Nairóbi, diz: “A riqueza da própria fé se torna muito mais nítida através do intercâmbio com pessoas de outras crenças”.³ E da Síria, em dias de guerra, ouvem-se palavras que superam as fronteiras do ódio: “O amor vai além, age além das fronteiras da religião, das etnias e culturas” (Navid Kermani, escritor muçulmano). “O diálogo verdadeiro que vivemos – cristãos católicos e muçulmanos – hoje é o diálogo da misericórdia” (Pe. Jacques – mosteiro Mar Elian).

Um grito de exaltação: Deus une os opostos e inverte nosso pensar!

Quando o apóstolo Paulo se deu conta de que “Deus encerrou todos na desobediência, a fim de usar de misericórdia para com todos” (Rm 11,32); quando descobriu de como Deus une os opostos e inverte a nossa maneira de entender as coisas, irrompeu num profundo grito de exaltação: “Ó profundidade da riqueza, da sabedoria e do conhecimento de Deus! Como são insondáveis os seus juízos e impenetráveis os seus caminhos! De fato, quem conheceu o pensamento do Senhor? Ou quem foi seu conselheiro?” (Rm 11,33-34).

A profundeza da riqueza e sabedoria de Deus – fio de meada da Bíblia – é relevante para diversos aspectos do nosso dia a dia! Onde a nossa mentalidade limitada e mesquinha percebe os opostos como *contrários*, escolhendo entre “ou uma coisa, ou outra”, Deus vê além das aparências e integra os opostos num “tanto um, quanto outro”. Eis alguns exemplos:

Vida x Morte

Este é o oposto mais desafiante para a existência humana. A vontade de viver está entranhada em nós (princípio invertido nas pessoas suicidas), de forma que a certeza da morte nos atormenta. Por quê? Segundo Isaías, há um abismo entre morte e vida: “A morada dos mortos não te louva. A Morte não vai cantar-te hinos... Só os vivos podem louvar-te” (Is 38,18.19a).

3 Revista *Franziskaner Mission* 1/2015. Título: Fremdheit überwinden, p. 25. Título do artigo: Gemeinsamkeiten (auf-)spüren - Interreligiöse Erfahrungen in Ostafrika. Tradução nossa.

A morte é radical por dois motivos: primeiro, ela corta a trama que a vida da gente tinha tecido naturalmente (Is 38,12); segundo, “a mortalha não tem bolso”, diz o provérbio popular, e nisso, a morte não faz distinção de pessoas. Na boca do salmista a mesma verdade soa assim: Ninguém se livra de sua morte por dinheiro, nem a Deus pode pagar o seu resgate (Sl 48,8-10).

Quem é o autor da morte? O livro de Samuel diz que “o Senhor é quem dá a morte e a vida, faz descer à morada dos mortos e de lá voltar” (1Sm 2,6). Para a Sabedoria, porém, não há os opostos vida-morte: “Deus não fez a morte, nem se alegra com a perdição dos vivos. Ele criou todas as coisas para a existirem” (Sb 1,13.14a), “criou o ser humano incorruptível e o fez à imagem de sua própria natureza” (Sb 2,23).

Então, enquanto os olhos humanos enxergam à primeira vista o ponto físico-corporal, Deus tem um conceito ético-espiritual de morte: os injustos já são mortos em vida e os justos vivem em paz. A pergunta decisiva é: como viver, para que a morte corporal não seja vista como um abismo absoluto?

Não são poucas as pessoas que dizem: “Curto é o tempo ade nossa vida e cheio de tédio, e não há alívio quando chega o fim. Aliás, não se conhece ninguém que tenha voltado do mundo dos mortos. De repente nascemos, e logo passaremos, como quem não existiu.” O livro da Sabedoria chama essas pessoas de ímpios e seus raciocínios, falsos (Sb 2,1.2) e contrapõe a elas a vida dos justos que “está nas mãos de Deus”. Para os insensatos parecem ter morrido, mas eles estão em paz (Sb 3,1-3).

No seu Filho, Deus Pai elimina vida x morte e nos surpreende de como entender o mistério da morte: primeiro, é morrendo que se vive para a vida eterna, pois “se o grão de trigo que cai na terra(...) morre, produz muito fruto” (Jo 12,24). Segundo, “se estamos vivos, é para o Senhor que vivemos, e se morremos, é para o Senhor que morremos”; Cristo é o Senhor dos mortos e dos vivos (Rm 14,7-9; Rm 6,8.11).

Homem x Mulher

O livro do Gênesis diz que Deus criou “o homem” à sua imagem (e não como uma simples espécie de ser vivo); e o criou homem e mulher (Gn 1,27). A tradição javista ressalta a criação da mulher em vista da solidão do homem fazendo-a uma auxiliar que lhe seja semelhante (Gn 2,18), de modo que o próprio homem exclama contente: “É osso dos meus ossos e carne da minha carne! Ela será chamada ‘mulher’ (hebraico: *ischá*)

porque do homem foi tirada (hebraico: *isch*)... e eles serão uma só carne” (Gn 2,23-24).

“No original hebraico, o verbo ‘unir-se’ indica uma estreita sintonia, uma adesão física e interior, a ponto de se utilizar para descrever a união com Deus... Deste modo, evoca-se a união matrimonial não apenas na sua dimensão sexual e corpórea, mas também na sua doação voluntária de amor. O fruto desta união é ‘tornar-se uma só carne’, quer no abraço físico, quer na união dos corações e das vidas...”, diz o Papa Francisco.⁴

A dupla homem-mulher não é feita de opostos, mas expressa igualdade (até semântica) por terem a mesma carne que leva à união (até com Deus) e por formarem uma só carne; expressa, ainda, colegialidade, complementariedade e companheirismo – os opostos da solidão. Mas, reconhecer a reciprocidade dos gêneros não é algo aceito pacificamente. No seu âmbito cultural-religioso, Jesus era um sinal de contradição ao resgatar a dignidade da mulher (Jo 8,1-11; Lc 7,36-48; 8,1-3). Hoje, em muitas culturas, sociedades e religiões, há um verdadeiro homem x mulher que gera desigualdades e violência. “Com o pecado, a relação de amor e pureza entre o homem e a mulher se transforma em um domínio”.⁵ Dito de forma positiva: essa relação está em constante construção.

Pais x Filhos

Obviamente, pais e filhos não são iguais – em idade, posição familiar, entre outros. E tem mais: os filhos são descendentes de seus pais, mas ninguém é propriedade de ninguém. Uma poesia de Khalil Gibran⁶ expressa essa verdade:

*Vossos filhos não são vossos filhos.
São os filhos e as filhas da ânsia da vida por si mesma.
Vêm através de vós, mas não de vós.
E embora vivam convosco, não vos pertencem.
Podeis outorgar-lhes vosso amor, mas não vossos pensamentos,
Porque eles têm seus próprios pensamentos.
Podeis abrigar seus corpos, mas não suas almas;
Pois suas almas moram na mansão do amanhã.*

4 FRANCISCO. Exortação Apostólica Pós-sinodal *Amoris Laetitia* (AL). Documentos Pontifícios 24. Brasília: Edições CNBB, 2016, n. 13.

5 Ibidem, n. 19.

6 Khalil Gibran (1883-1931, foi um filósofo, prosador, poeta, conferencista e pintor de origem libanesa.

Embora cada um tenha o seu papel próprio no convívio familiar, há uma interdependência, sobretudo do ponto de vista da fé. “Honra teu pai e tua mãe” reza o 4º mandamento (Ex 20,12). O verbo ‘honrar’ indica “o cumprimento das obrigações familiares e sociais em toda a sua plenitude”,¹ sem se desculpar com pretextos religiosos (Mt 7,11-13), ou se limitar a meras honras sentimentais, como acontece no dia das mães, dos pais e dos finados. Este mandamento vem acompanhado de uma promessa: o filho que agir desta forma pode interceder pelos pecados, evita cair neles, será ouvido na oração cotidiana, junta tesouros (Eclo 3,3-4); mas, sobretudo, será feliz e terá longa vida sobre a terra (cf. Ef 6,3; Dt 5,16).

O apóstolo Paulo ressalta que a obediência dos filhos aos seus pais tem a sua razão de ser “no Senhor” (Ef 6,1). Porém, cabe também aos pais não provocarem revolta nos seus filhos, ouvindo-os e educando-os com uma pedagogia inspirada igualmente “no Senhor” (Ef 6,4). Este respeito recíproco entre as gerações, Deus já tinha anunciado pelo profeta Elias: “Ele converterá o coração dos pais para os filhos, e o coração dos filhos para os pais” (Ml 3,24).

Fruto desta conversão é a transmissão mútua da fé. Na família, todos são ao mesmo tempo catequistas e catequizandos. “Os pais se tornam os primeiros mestres da fé para seus filhos”, como demonstra o rito da ceia pascal judaica. Por outro lado, “Jesus presta tal atenção às crianças...que chega ao ponto de propô-las aos adultos como mestres, devido à sua confiança simples e espontânea nos outros” (AL 16.18). – A catequese recíproca entre pais e filhos acontece geralmente de forma implícita no convívio familiar, mas requer também momentos explícitos, tais como a oração em família através da leitura orante, da bênção na hora da refeição, das devoções em tempos fortes e da participação ativa na vida e na liturgia da comunidade eclesial.

A família – nem a ideal e nem a idealizada – que vivencia a dinâmica do dar-e-receber entre as gerações enriquece a sua vida, de forma que a “melhor idade” rejuvenesce e a “geração jovem” pode beber da fonte de sabedoria dos “cabelos brancos” e vislumbrar o seu futuro.

Escravos x Senhores – Empregados x Patrões

Ao longo da história, povos de diferentes etnias têm se escravizado mutuamente, ou dentro de um mesmo povo as pessoas foram naturalmente divididas em senhores (livres) e escravos. O sistema escravagista persiste

1 AL, n. 17.

sutilmente até os nossos dias nos escravos vinculados a atividades do dito “capitalismo selvagem” em latifúndios e indústrias clandestinas, com enfoque especial ao trabalho escravo infantil.

Neste ponto, a fé cristã representava no tempo do Império Romano uma revolução social contribuindo na transformação da escravatura antiga. Embora os escravos não tenham se tornado logo “cidadãos livres”, os senhores convertidos tinham consciência que a partir do seu batismo o seu relacionamento com os escravos deveria ser muito diferente daquele praticado anteriormente.²

O apóstolo Paulo une os opostos construindo a ponte entre ambos através de um bem maior que é o Cristo, apelando aos escravos a obedecerem aos seus senhores como ao próprio Cristo. Por sua vez, os senhores não devem ameaçar os escravos tratando-os como objetos que se explora ou demitindo-os por falta de produtividade. O argumento é convincente: o Senhor das duas classes sociais está nos céus e não faz acepção de pessoas pagando ao escravo e ao livre pelo bem que tiver feito (Ef 6,5-9).

A organização sindical, ao reivindicar e obter conquistas, não melhora só por isso a relação entre empregados e patrões. Há algo mais! A fé faz a diferença numa empresa a partir do momento em que empregado e patrão não se enxergam primeiramente como categorias sociais, mas a partir de Cristo presente no outro. Apesar do vigente sistema econômico capitalista, há exemplos bons de que um outro mundo de trabalho é possível!

Fortes x Fracos

“Os olhos do mundo (...) olham somente para cima e querem erguer-se a todo custo”.³ Queremos estar do lado dos campeões, queremos obter sucesso: na carreira profissional, na aquisição de bens materiais, no poder do saber, em tudo. A economia, a mídia, as políticas públicas etc., apostam na competitividade. Por outro lado, o “fraco” é visto pelo “forte” como um pobre fracassado, cuja simples presença já incomoda e é vista como um peso. Sobretudo pessoas debilitadas, tais como idosos, doentes ou pessoas com necessidades especiais, são consideradas “fracas”, porque caem fora dos padrões de saúde, beleza e utilidade (econômica). Ninguém quer olhar para baixo onde há pobreza, miséria e angústia. “Todos se afastam de pessoas dessa espécie. Evitam, rejeitam e abandonam essa gente, e ninguém se

2 Na América Latina, este pressuposto fraternal não foi observado durante a escravidão negra e mesmo indígena, em que as piores crueldades foram praticadas por senhores batizados contra escravos negros e índios também batizados.

3 LUTERO, M. *Magnificat*. O Louvor de Maria. Aparecida: Editora Santuário, 2015, p. 14.

lembra de as ajudar e de trabalhar para que também sejam alguém. Assim são obrigadas a ficar no fundo poço...”⁴ Mas, numa sociedade pode haver bem-estar se uma parte de seus membros não for integrada?

Para a sabedoria divina não há *versus* nesta questão: “Os olhos de Deus olham somente para baixo, nunca para o alto... Quanto mais baixo alguém está, tanto melhor Deus o enxerga... Ele quer transformar tudo aquilo que é insignificante, desprezado, miserável e morto em algo precioso, honrado, bem-aventurado e vivo”.⁵ Deus escolheu o que é loucura e fraqueza para o mundo para envergonhar os sábios e os fortes, diz o apóstolo Paulo (1Cor 1,27). Indicamos três motivos para entender esta lógica:

- **A igualdade entre todos os membros:** Paulo diz que “Deus, quando formou o corpo, deu mais honra ao que nele é tido como sem valor, para que não haja divisão no corpo, mas, pelo contrário, os membros sejam igualmente solícitos uns pelos outros” (1Cor 12,25). Uma corrente é tão forte quanto o seu elo mais fraco, para dizer que o sucesso depende de todos os elos da corrente, sobretudo dos mais fracos.

- **A fraqueza como antídoto à arrogância:** Ao refletir sobre o hino à caridade (1Cor 13,4-7), o Papa diz: “A ciência incha’, ao passo que ‘o amor é que constrói’ (1Cor 8,1). Por outras palavras, alguns julgam-se grandes, porque sabem mais do que os outros, dedicando-se a impor-lhes exigências e a controlá-los; quando, na realidade, o que nos faz grandes é o amor que compreende, cuida, integra, está atento aos fracos”.⁶

- **A fraqueza humana é força para Deus:** Para não correr o risco de se encher de “santo” orgulho, ao apóstolo Paulo foi dado “um espinho na carne, um anjo de Satanás”, experimentando desta forma que a graça do Senhor é maior e basta; “pois é na fraqueza que a força se realiza plenamente”. Por isso, Paulo se gloriou das suas fraquezas, para que a força de Cristo habite nele. “Quando sou fraco, então sou forte” (2Cor 12,7.9-10).

À luz desta compreensão da fraqueza humana, entendemos por que “nós, os fortes, devemos suportar as fraquezas dos fracos e não buscar só o que nos agrada” (Rm 15,1). Fazendo assim, a inclusão da fraqueza dos fracos torna-se uma mão dupla: embora pessoas doentes, dependentes químicos,

4 Idem.

5 Ibidem, p. 13s.

6 AL, n. 97.

peças com deficiência etc., requeiram o nosso cuidado, elas também nos inspiram valores e energias, como a arte de viver, a gratuidade do sorriso, uma habilidade extraordinária, a esperança e perseverança. As Pastorais e projetos sociais são testemunhas disso.

Nativos x Estrangeiros

Em muitos países da Europa e nos EUA, o “encontro” entre nativos e estrangeiros torna-se motivo de polarização e violência, retrocesso ao nacionalismo, reerguimento de cercas e fechamento das fronteiras – tudo isso num mundo dito globalizado no qual tudo pode circular livremente, menos os refugiados.⁷ “Pessoas em fuga da sua pátria interpelam os indivíduos e as coletividades, desafiando o modo tradicional de viver”.⁸

Xenofobia e fronteiras (fechadas) nascem em corações medrosos e fechados. Se o presidente estadunidense, Donald Trump, tivesse nascido no México, hoje diria a mesma coisa? Se o presidente da Turquia, Erdogan, tivesse nascido na etnia curda, ele os chamaria hoje de terroristas? Ninguém é proprietário de algo, pois foram as vicissitudes da vida que nos fizeram nascer num lugar qualquer, de um lado da fronteira que não escolhemos. Basta colocar-se na situação do refugiado ou do migrante e a gente entende o que não gostaria de sofrer. E quem decide que aqueles que moram dentro dos paraísos da felicidade têm autoridade de decidir quem fica do lado de fora?

Para Deus não há *oposição* entre povos e nações, pois a vida do estrangeiro é tão sagrada quanto a vida de qualquer outra pessoa. “O Senhor dos senhores (...) não faz acepção de pessoas. Ele (...) ama o estrangeiro e lhe dá alimento e roupa” (Dt 10,16-18). A razão do povo de Israel respeitar o estrangeiro se origina na sua própria experiência vocacional: “Portanto, amai o estrangeiro, porque vós também fostes estrangeiros no Egito” (Dt 10,19).⁹ Mas, a experiência espiritual é ainda maior, pois “no rosto do outro manifestam-se os traços de Jesus Cristo. Na raiz do Evangelho da misericórdia, o encontro e a recepção do outro entrelaçam-se com o encontro e a recepção de Deus: acolher o outro é acolher a Deus em pessoa”!¹⁰

7 O Brasil tem recebido um número significativo de africanos, de sul-americanos (peruanos e bolivianos), além de haitianos, sírios, libaneses.

8 FRANCISCO. *Mensagem para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado 2016*.

9 Hoje é um questionamento da política do Estado de Israel contra a população palestina.

10 FRANCISCO. *Mensagem para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado 2016*.

Por ser um defensor assíduo dos refugiados, por denunciar muros e cercas da indiferença ao sofrimento alheio, por resgatar os valores humanístico-cristãos da Europa, Papa Francisco foi homenageado com o *Karlspreis*.¹¹ No seu discurso de agradecimento ressaltou a “cultura do diálogo” para reerguer as relações sociais. Isto implica um processo de aprendizagem e de ascese que reconhece o outro como um interlocutor igual e permite enxergar o estrangeiro, o migrante, os membros de uma outra cultura como sujeitos aos quais se dá ouvido como a um interlocutor estimado.

Pessoas heterossexuais x Pessoas homossexuais

Esse dueto de opostos é bastante polêmico por suscitar posturas emocionais. Não temos a intenção de abordar e avaliar a temática da orientação sexual em sua abrangência; limitamo-nos à pergunta central: como se relacionar com pessoas que têm uma orientação sexual diferente? Pois, enquanto pessoas heterossexuais nem se perguntam por que nasceram “assim”, pessoas homossexuais se questionam sobre o porquê de ser “assim”, além de enfrentar a homofobia e a discriminação de muitos do “lado oposto”.

As ciências (humanas e biológicas) não encontraram uma explicação convincente da causa da homossexualidade;¹² se ela é de origem genética ou adquirida ao longo da vida. Fato é que ela não é determinada por uma opção individual. Fato é que nem nos tempos antigos ela era uma novidade. Fato é que ela está presente em todas as culturas e religiões, também nas mais machistas e repelentes à temática. Fato é que ela não é mais considerada uma doença ou anormalidade, mas uma variante que é igual à heterossexualidade no que se refere à sexualidade humana e ao ser humano.¹³ É bom lembrar que a questão da orientação homossexual não deve ser confundida com a “ideologia genericamente chamada *gender*, que ‘nega a diferença e a reciprocidade natural de homem e mulher’” prevendo uma sociedade sem diferenças de sexo.¹⁴

O que Deus e as Igrejas dizem sobre o assunto? Se a Bíblia diz que “homem e mulher ele os criou” (Gn 1,27), deve-se levar em conta que naquele

11 Nome completo ‘Prêmio Internacional de Carlos Magno’. É um prêmio de honra entregue anualmente a uma pessoa que tem grandes merecimentos pela unificação da Europa. Tradução própria.

12 No séc. XX o termo homossexualismo foi alterado para homossexualidade, já que o sufixo “dade” significa “modo”, ou “maneira de ser”.

13 MÜLLER, W. *Grösser als alles ist die Liebe*. Für einen ganzheitlichen Blick auf Homosexualität. Ostfildern: Grünewald, 2009, p. 36 (tradução própria). – W. Müller é teólogo, psicólogo e escritor; colaborador do P. Anselm Grün OSB.

14 AL, n. 56.

tempo não se separava entre a diversidade biológica entre homem e mulher – o sexo biológico (*sex*) – e a função sociocultural do sexo (*gender*); enquanto hoje, podemos distingui-los, embora não devamos separá-los.¹⁵

Nas Igrejas tradicionais, tanto os críticos como os condescendentes com a homossexualidade basearam sua argumentação nas Sagradas Escrituras. De um lado, há os que a consideram não correspondente à vontade de Deus. De outro lado, há os que reclamam uma crescente intolerância global: “Existe hoje uma intolerância religiosa, existe uma intolerância racial, existe uma *intolerância sexual em suas diferenças* e nós estamos sentindo crescer a intolerância política...”¹⁶

Voltemos à pergunta inicial: como se relacionar com pessoas que têm uma orientação sexual diferente? O livro da Sabedoria narra como Deus vê a vida: “Sim, amas tudo o que existe e não desprezas nada do que fizeste; porque, se odiasses alguma coisa, não a terias criado. A todos (...) trata com bondade, porque tudo é teu, Senhor, amigo da vida!” (Sb 11,24.26). Por este motivo, o Papa Francisco afirma que “cada criatura é objeto da ternura do Pai que lhe atribui um lugar no mundo”.¹⁷ Portanto, o relacionamento deveria acontecer nesta ótica:

Ver as pessoas como criaturas de Deus: Às pessoas, independentemente e anteriormente de suas orientações sexuais, pertencem a mesma identidade fundamental: ser criaturas de Deus e, pela graça divina, ser filhos e filhas de Deus, herdeiros da vida eterna.¹⁸

Ver a pessoa humana em sua integralidade: O encontro (pastoral) com as pessoas homossexuais deveria ser marcado por uma atitude que enxerga nelas um ser humano *integral*, criado a partir da mesma substância e do mesmo tecido como pessoas heterossexuais, que conhece os mesmos sentimentos e desejos como os demais, que dispõe sobre a mesma capacidade de amor, que sente dentro de si o mesmo desejo de amor e aceitação.¹⁹

Ver a fé como uma provocação: “Para que nós humanos descubramos e caminhemos sempre de novo no caminho do amor de Deus” deve

15 Idem.

16 Secretário-Geral da CNBB, Dom Leonardo Ulrich Steiner, entrevistado pelo Jornal Nacional, em 1º de abril de 2016. Grifo nosso.

17 FRANCISCO. Carta Encíclica *Laudato Si'* (LS). Documentos Pontifícios 22. Brasília: Edições CNBB, 2015, n. 77.

18 MÜLLER, W. op. cit., p. 77. Tradução própria.

19 Idem.

haver provocações na fé e da fé... O amor verdadeiro é o desafio para todos os que se amam homossexualmente e também para todos os que têm dificuldade com isso.²⁰

Ver o amor como experiência de Deus: “O amor entre duas pessoas – pertençam elas ao mesmo sexo ou a sexos opostos – tem que ser visto e respeitado como um tesouro. Quando duas pessoas se amam, então experimentam neste mundo, de maneira limitada, o que será sua alegria ilimitada quando viverem unidas com Deus no mundo vindouro. De fato, amar o outro significa voltar-se para Deus que revela sua bondade àquela pessoa que amamos. Amar o outro significa entrar no campo mais rico da experiência humana”.²¹ Afinal, maior do que tudo é o amor (Ct 2,7).

Santos e Justos x Pecadores

Na Igreja há a tendência, ou melhor, a tentação de polarizar entre os opostos “ou santo ou nada”! Deus, porém, inverte a lógica humana. Quem o experimentou tornando-se um perito neste assunto é o apóstolo Paulo: “Todos pecaram e estão privados da glória de Deus” (Rm 3,23). “Na verdade, todos, sem excluir ninguém, estão chamados a acolher o apelo à misericórdia”.²²

Foi nesta ocasião que Paulo tomou consciência da insondável pedagogia de Deus e irrompeu no louvor de sua profunda riqueza e sabedoria (Rm 11,33-34). Paulo sabe por excelência o que significa que “Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores” sendo ele o primeiro deles (1Tm 1,15). Para Deus, o nosso pecado não impede que ele entre em comunhão conosco; pelo contrário, é minhoca na isca. Na Carta a Timóteo, escrita pouco antes de sua morte, o Apóstolo explica seu itinerário: mesmo sendo um perito em pecado, encontrou misericórdia para que Cristo demonstrasse nele toda a grandeza de seu coração fazendo-o um modelo de todos os que crerem (1Tm 1,16). Portanto, o amor de Deus é incondicional, não importa quantas vezes a pessoa tiver pecado.

Com os olhos fixos em Jesus, entende-se que a maior de todas as coisas que o amor de Deus realiza é a amizade com os pecadores. Era este o jeito inédito de Jesus que irritava as autoridades religiosas em Israel. “Impulsionado pelo Espírito de Deus, Jesus acolhe os excluídos da Aliança e os esquecidos

20 Ibidem, p. 8-9, citando o arcebispo Alois Kothgasser de Salzburg/Áustria.

21 Ibidem, p. 94, citando Cardeal Basil Hume. In: *Süddeutsche Zeitung*, n. 5, 9/03/1995.

22 FRANCISCO. *Misericordiae Vultus* (MV), Bula de proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia. Documentos Pontifícios 20. Brasília: Edições CNBB, 2015, n. 18.

pela religião... Jesus capta a Deus como um Pai que tem em seu coração um projeto: criar uma grande família humana na qual não haja santos que condenam aos pecadores, puros que separam os impuros, filhos de Abraão que excluem os pagãos... Deus não abençoa a exclusão nem a discriminação, mas a comunhão fraterna. Deus não separa nem excomunga; Deus abraça e acolhe. É um erro pretender construir a comunidade de Jesus excluindo os que nos parecem indignos. Isso não coincide com a Boa Nova de Deus...”²³

Com os olhos fixos em Jesus e Paulo, a *oposição* entre santos e pecadores, separados por um estilete (moralizante), cai por terra, pois cada pessoa carrega em si os dois lados. Por isso, Papa Francisco afirma “que a Igreja é Igreja dos pobres em espírito e dos pecadores à procura do perdão e não apenas dos justos e dos santos, ou melhor dos justos e dos santos quando se sentem pobres e pecadores”.²⁴ Ao visitar os presos, ele se questiona “por que eles e não eu”? – sentindo-se unido aos condenados porque é consciente de que também é um pecador.²⁵

Então, para que aparentar uma áurea de santidade, em vez de se tornar um modelo de quem encontrou misericórdia? Eis a sabedoria de Santa Teresinha do Menino Jesus: “Antigamente, quando caía, me chateava comigo mesma; hoje digo ao Senhor: ‘Isso não é surpresa para o Senhor, e nem para mim; portanto, vamos continuar!’”.

Rico x pobre

“Glória a Jesus que, ao rico e ao pobre, se dá na hóstia em alimento. E faz do humilde e faz do nobre um outro Cristo em tal momento”, canta a 3ª estrofe do *Glória a Jesus na Hóstia Santa*; e uma prece na Oração das Horas²⁶ suplica: “Ensinaí o pobre e o rico a se ajudarem mutuamente, pois de ambos vós sois Deus, e que o rico não se vanglorie de seus bens”.

Parece que o pequeno e o grande têm igual dignidade, pois foi o Senhor quem os fez (Pr 22,2; Sb 6,7) e cujo amor é perfeito de forma que faz nascer o seu sol, e faz chover sobre todos (Mt 5,45). Sem dúvida, o Cristo eucarístico derrama seu sangue em favor de todos (Mc 14,24); mas, o fato de o rico e o pobre se tornarem pela comunhão “um outro Cristo” significa

23 In: AAVV. PAGOLA, J. A. *Fijos los ojos em Jesús*. En los umbrales de la fé. Ed. Delfin Ltda. 2012, p. 141-194. Tradução livre: Ir. Paulo Dullius.

24 FRANCISCO. *Discurso na conclusão da XIV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos*, em 24/10/2015.

25 Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/papa-se-considera-ao-pecador-como-um-pre-so.html>.

26 7ª semana do Tempo Pascal; Segunda-feira - Vésperas.

que continuem a viver separados pela desigualdade?²⁷ Pedir a Deus que “ensine o pobre e o rico a se ajudarem mutuamente” significa dar esmola, ou se tornarem, solidários em atos que criam oportunidades?²⁸ Basta que o rico não se vanglorie de seus bens, ou ele deve contribuir com seus bens para o bem comum?

A Bíblia, sim, põe uma *oposição* entre o rico e o pobre como sendo opostos incompatíveis. Desde os escritos da Primeira Aliança, lemos que Deus inverte a ordem: “Os saturados se empregam para ter pão, mas os famintos param de sofrer” (1Sm 2,5). Embora o Senhor faça o pobre e o rico, sua opção preferencial se dirige ao homem fraco que ergue do pó e ao indigente que retira do lixo assentando-os com os nobres (1Sm 2,7.8). O Salmo 49/48 alerta sobre a ilusão das riquezas e o destino dos ricos: “Não te preocupes se vires alguém enriquecer-se e se aumenta a glória de sua casa. Quando morrer, nada leva consigo, nem desce com ele a sua glória” (v. 17-18). Mais tarde, o apóstolo Tiago diz a mesma coisa: “O irmão humilde glorie-se, quando for exaltado, mas o rico deve gloriar-se quando for humilhado. Pois há de passar como a flor da erva” (Tg 1,9).

Os textos da Segunda Aliança são ainda mais categóricos ao afirmar a oposição entre ricos e pobres. Às bem-aventuranças, o evangelista Lucas opõe explicitamente as maldições como antídotos: “Ai de vós, ricos, porque já porque já tendes vossa consolação! Ai de vós que agora estais fartos, porque passareis fome!” (6,24-25). O drama da escolha entre as riquezas e o seguimento de Jesus, experimentou-o um jovem que desde a sua juventude tinha observado os mandamentos. Quando Jesus lhe explicou que faltava apenas vender tudo o que tinha e dar aos pobres, o jovem foi embora cheio de tristeza, porque era muito rico (Mc 10,17-22). Lição dada: a riqueza põe em xeque o Reino de Deus e a vida eterna. A parábola do homem rico e do pobre Lázaro (Lc 16,19-31) pinta em preto-branco que o abismo entre os dois mundos – levantado pelo próprio rico que durante a vida recebeu seus bens – continua intransponível após a morte (Lc 16,26). Jesus sempre foi taxativo ao exigir opções claras: “Não podeis servir a Deus e ao Dinheiro!” (Mt 6,24).

Quando o Senhor olhou para a sua humildade, Maria canta no *Magnificat* as inversões divinas: “Encheu de bens os famintos, e mandou embora

27 Recentemente, a ONG *Oxfam* publicou dados no Fórum Econômico Mundial em Davos segundo os quais a distribuição dos bens materiais é a pior de todos os tempos: de um outro, extrema pobreza, de outro, riqueza inimaginável. As oito pessoas mais ricas do planeta possuem juntos US\$ 426 bilhões, mais do que toda a população pobre mundial.

28 Discurso do Papa Francisco na entrega do *Karlspreis*.

os ricos de mãos vazias” (Lc 1,53). Seu louvor contém uma ética política e prática.²⁹ – Não é estranho que, nas primeiras comunidades cristãs, os ricos eram uma exceção. “Não há entre vós muitos sábios de sabedoria humana, nem muitos poderosos, nem muitos de família nobre” (1Cor 1,26–31).

O Francisco dos nossos dias, o Papa, tem se mostrado um grande defensor da Casa Comum, denunciando o sistema (capitalista) que impõe “a lógica dos lucros a qualquer custo, sem pensar na exclusão social ou na destruição da natureza”. Essa economia, baseada ‘no esterco do diabo’ (Basílio de Cesareia) e no ídolo da acumulação de riquezas, é insuportável e mata (...) tudo (cf. EG, n. 53).³⁰

Encontramos, afinal, uma dupla de opostos, talvez a única, que é *oposição* e incompatível. Qual o motivo? Deus não pode unir estes opostos, porque o rico comete o equívoco de entregar seu coração ao seu tesouro fazendo dele o sentido de sua vida (Mt 6,21); é o equívoco de “juntar tesouros aqui na terra”, em vez de juntar “tesouros no céu, onde a traça e a ferrugem não destroem, nem os ladrões assaltam e roubam” (Mt 6,19–20). O rico deveria reconhecer que o fato de ter nascido do lado da riqueza o compromete a ser solidário e recíproco com os do lado da pobreza. É a acumulação de riquezas que impede *ipso facto* a integração, pois é a riqueza que divide e exclui – e não Deus.³¹ Mesmo assim, pode haver uma luz no fim do túnel do rico: o que é impossível para os homens, para Deus é possível (Mc 10,27).

Considerações finais

A profundeza da sabedoria de Deus que une os opostos através de Jesus Cristo – o *complexio oppositorum*, a combinação de opostos – inverte nosso modo de pensar e agir, não se limita a essas relações interpessoais aqui abordadas. Ela abrange âmbitos e alcança horizontes muito maiores, a saber: Global x Local, Tradição cristã x novos Tempos, Religião x Ciências ou Fé x Razão, Igreja x Sociedade, ser humano x Casa Comum.

Se a dignidade e a plena realização na reciprocidade e na comunhão fazem parte das expectativas mais profundas da pessoa humana,³² isto tem

29 LUTERO, M. *Magnificat*. O Louvor de Maria. Aparecida: Editora Santuário, 2015, p. 6.

30 DISCURSO DO PAPA FRANCISCO no II Encontro Mundial dos Movimentos Populares, em Santa Cruz de la Sierra, Bolívia, em 09/07/2015. Col. Sendas, v. 4, Brasília: Edições CNBB, 2015.

31 Discurso do Papa Francisco na entrega do *Karlspreis*.

32 AL, n. 201.

reflexos para a espiritualidade cristã: ela deveria estar permeada pela valorização da interdependência das relações, pelo favorecimento da interatividade entre os atores da vida e pela inclusão de todos os sujeitos da história.

Então, quando a polarização, a indiferença, o isolamento, a xenofobia, a violência física e verbal persistem, testemunhemos, na contramão profética, como “seres diferentes encontram-se, respeitam-se e apreciam-se, mas mantêm distintos matizes e acentos que enriquecem o bem comum”; como “é possível que, do meu pensamento e do pensamento do outro, possa surgir uma nova síntese que enriqueça a ambos”, e como pela libertação da obrigação de ser iguais construímos “uma ‘unidade na diversidade’ ou uma ‘diversidade reconciliada’”.³³

À luz da reciprocidade, a vida não é vista em preto-branco, mas como um emaranhamento mútuo: uma coisa faz parte da outra, está contida nela e é possível somente com e através da outra coisa. Portanto, a teologia e a espiritualidade da reciprocidade brotam – e não poderia ser diferente – da Trindade Santa, que é amor, e o amor é comunhão recíproca.

Louvação da insondável profundidade e inesgotável riqueza de Deus

- **Ó coração da Trindade**, “do íntimo mais profundo do mistério de Deus, brota e flui incessantemente a grande torrente da misericórdia...”.³⁴
- **Ó Espírito Divino**, que dais diferentes dons, serviços e modos de agir, mas sois “o mesmo Deus que realiza tudo em todos” (1Cor 12,6).
- **Ó Rei das nações**, desejado dos povos; ó Pedra angular que os opostos unis: Oh, vinde e salvai este homem tão frágil, que um dia criastes do barro da terra!³⁵

“Quem conheceu o pensamento do Senhor? Ou quem foi seu conselheiro? Tudo é dele, por ele e para ele. A ele, a glória para sempre. Amém!”
(Rm 11,34.36).

³³ Ibidem, n. 139.

³⁴ MV, n. 25.

³⁵ Antífona do Cântico evangélico, nas Vésperas do dia 22 de dezembro.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Opostos ou o “diferente” suscitam em você sentimentos de conforto ou desconforto?
2. Qual é o seu *oposto* mais vulnerável: o relacionamento com a morte, com a mulher(a) esposa, com os filhos/crianças, com empregados, com pessoas fracas, com pessoas de orientações sexuais diferentes, com pecadores, com ricos, com a globalização, com as ciências, com a sociedade?
3. Papa Francisco faz da reciprocidade um marco de seu pontificado. Quais as suas/nossas experiências positivas na construção da união dos opostos? Louvemos a profundidade da sabedoria de Deus por tudo isso!

Maria na *Laudato Si'*

PROF. IR. ANDRÉ LUIZ OLIVEIRA – CSsR¹

Maria nos textos pontifícios

Adotou-se na Igreja, nos últimos pontificados, o costume de dedicar alguns parágrafos com menção a Nossa Senhora no término das Cartas Encíclicas, Exortações Apostólicas e outros demais Documentos do Magistério. Desejam os Papas duas finalidades; primeiramente, ressaltar a devoção marial da Igreja, e, em segundo lugar, a finalidade escatológica expressa em Maria, arquétipo da Igreja triunfante. Ambas as finalidades remetem ao ápice e fundamento da fé: Jesus Cristo. Toda mariologia deve ser cristocêntrica. A Igreja nutre uma constante devoção a Nossa Senhora, em respeito ao mandato de Cristo no alto da cruz: *Mulier, ecce filius tuus* (Jo 19,26). Não menos, o Beato Paulo VI dedicou a ela, ao término da III sessão do Concílio Vaticano II, no dia 21 de novembro de 1964, um dos títulos mais significativos, *Mater Ecclesiae*: “é nossa mãe na ordem da graça”.²

Maria é Mãe da Igreja, pois esteve unida e perseverante em oração (At 1,14); é a discípula entre os apóstolos, nos primórdios da Igreja nascente. Pode-se assim afirmar que Maria é, em sentido pleno e autêntico, a primeira cristã ou, ainda, a consagrada por excelência: “Maria é, de fato, exemplo sublime

1 Prof. Ir. André Luiz Oliveira, natural de Passos (MG). É Religioso da Congregação do Santíssimo Redentor, licenciado em Pedagogia pela Universidade Paulista, filósofo, escritor e membro da Academia Marial de Aparecida. É autor da obra: *Contemplando a Ladainha de Nossa Senhora* (2010) e de inúmeros artigos sobre temas da atualidade em diversos jornais e revistas de circulação nacional. Contato: livro_prof_andre@hotmail.com

2 CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática *Lumen Gentium* (LG), n. 61

de perfeita consagração, pela sua pertença plena e dedicação total a Deus”.³ Denota também a segunda finalidade do sentido escatológico – entenda-se aqui a antecipação das realidades futuras, não relativas ao já e ainda não de Cristo, mas da glorificação da Igreja – da menção a Maria, pois “nela nos destes as primícias da Igreja, esposa de Cristo, sem ruga e sem mancha, resplandecente de beleza”.⁴

Maria é a representação da Igreja glorificada, é a expressão da Igreja celeste. Quer, com essa finalidade, significar a glorificação de Maria, que se estende a todos os viventes, como antecipação dos tempos futuros. Quer demonstrar que, como exemplo à humanidade, Maria é a realização do projeto de Deus para o homem. “Glorificada no céu de corpo e alma, a mãe de Jesus é imagem e início da Igreja perfeita no fim da história”.⁵ Nela se cumpriu a obra da Salvação. A realização plena da glória de Deus. A manifestação que Deus deseja operar em toda a humanidade. A figura de Maria é o arquétipo da possibilidade. Tudo o que Deus realizou em Maria e por Maria, ele pode – e quer – realizar em nós e por nós. Há também, dentro do sentido escatológico e do devocional, o desejo dos Papas de confiarem à intercessão de Nossa Senhora o bom êxito e aplicação das propostas da Carta Encíclica. Há aqui um gesto de confiança e petição nos favores e auxílios que a Virgem pode alcançar de Deus. Em síntese, esse ponto expressa os dois sentidos da finalidade da menção marial, pois perpassam de uma dimensão devocional para um nível escatológico. Tendo clara a finalidade da menção a Nossa Senhora nos textos pontifícios, podemos prosseguir para algo mais específico: a menção a Maria na Carta Encíclica *Laudato Si'*, do Papa Francisco, publicada em 24 de maio de 2015, Solenidade de Pentecostes.

O nome da Encíclica

É de tradição que as Cartas Encíclicas adotem como nome as primeiras palavras do primeiro parágrafo. Neste caso, inicia o Santo Padre: “*Laudato Si', mi' Signore* – Louvado sejas, meu Senhor”, fazendo uso das palavras do “Doutor” da natureza, São Francisco de Assis (1182-1226), que assim cantava recordando nossa casa comum, a qual dizia que “se pode comparar ora a uma irmã, com quem partilhamos a existência, ora a uma boa mãe, que nos acolhe nos seus braços”.⁶ O Papa apropria-se da

3 JOÃO PAULO II. Exortação Apostólica pós-sinodal *Vita Consecrata* (VC), n. 28.

4 MISSAL ROMANO. Prefácio da Solenidade da Imaculada Conceição de Nossa Senhora, p. 716.

5 LG n. 68.

6 LS, n. 1.

espiritualidade – que aqui deve ser compreendida em sentido real e não utópico – de São Francisco, ao longo de todo o desenvolvimento de seu trabalho. Ele o menciona como “o exemplo por excelência do cuidado pelo que é frágil e por uma ecologia integral, vivida com alegria”,⁷ pois compreende o pontífice que, para o santo de Assis, “são inseparáveis a preocupação pela natureza, a justiça para com os pobres, o empenhamento na sociedade e a paz interior”.⁸ A preocupação com a casa comum vai além da ecologia, “a análise dos problemas ambientais é inseparável da análise dos contextos humanos, familiares, laborais, urbanos e da relação de cada pessoa consigo mesma”;⁹ e vai além do pseudo “ecologismo”, risco que se corre com a divinização da natureza, como salienta o Papa Francisco: “também não requer uma divinização da terra, que nos privaria de nossa vocação de colaborar com ela e proteger a sua fragilidade”.¹⁰ A Encíclica *Laudato Si* é um convite à revisão de nossas relações com a natureza e o modo como procedemos e o que desejamos para o futuro, como vislumbra o Papa com a pergunta central: “Que tipo de mundo queremos deixar a quem vai suceder-nos, às crianças que estão a crescer?”.¹¹ A Carta Encíclica se inicia e se encerra com as mesmas palavras: *Laudato Si*.

A Encíclica

Ao escrever a Encíclica, crê o Papa Francisco que “o ser humano ainda é capaz de intervir de forma positiva”,¹² e que “nem tudo está perdido, porque os seres humanos, capazes de tocar o fundo da degradação, podem também superar-se, voltar a escolher o bem e regenerar-se”.¹³ A melhor síntese da Carta Encíclica está disponível no site da Rádio Vaticano, que a apresenta através de um “guia” para facilitar a leitura, e que assim a sintetiza:

O itinerário da Encíclica é traçado no n. 15 e se desenvolve em seis capítulos. Passa-se de uma análise da situação a partir das melhores aquisições científicas hoje disponíveis (cap. 1), ao confronto com a Bíblia e a tradição judaico-cristã (cap. 2), identificando a raiz dos problemas (cap. 3) na tecnocracia e num excessivo fechamento autorreferencial do ser humano. A proposta da Encíclica (cap. 4) é a de uma “ecologia integral, que inclua claramente as dimensões humanas

7 Ibidem, n. 19.

8 Idem.

9 Ibidem, n. 141.

10 Ibidem, n. 90.

11 Ibidem, n. 160.

12 Ibidem, n. 58.

13 Ibidem, n. 205.

e sociais” (137), indissolúvelmente ligadas com a questão ambiental. Nesta perspectiva, o Papa Francisco propõe (cap. 5) empreender em todos os níveis da vida social, econômica e política um diálogo honesto, que estruture processos de decisão transparentes, e recorda (cap. 6) que nenhum projeto pode ser eficaz se não for animado por uma consciência formada e responsável, sugerindo ideias para crescer nesta direção em nível educativo, espiritual, eclesial, político e teológico. O texto se conclui com duas orações, uma oferecida à partilha com todos os que acreditam num “Deus Criador Omnipotente” (246), e outra proposta aos que professam a fé em Jesus Cristo, ritmada pelo refrão “Laudato Si’”, com o qual a Encíclica se abre e se conclui.¹⁴

A estrutura da Carta pode ser compreendida da seguinte forma:

Primeiro Capítulo – O que está para acontecer à nossa casa. Que seriam as descobertas científicas de matéria ambiental, bem como as questões relativas às mudanças climáticas e à preservação da biodiversidade.

Segundo Capítulo – O Evangelho da criação, em que o Papa faz um apanhado exegético das narrações bíblicas, oferecendo uma visão abrangente da tradição judaico-cristã acerca da criação. Convida-nos o Pontífice a “cultivar e guardar” o jardim do mundo”.¹⁵

Terceiro Capítulo – A raiz humana da crise ecológica. É apresentada uma análise da situação atual, uma reflexão acerca da tecnologia e o reconhecimento dos contributos para o melhoramento das condições de vida no Planeta. Nesse capítulo se fazem dois apontamentos críticos: o antropocentrismo e a crescente cultura do descartável.

Quarto Capítulo – Uma ecologia integral. Partindo de um princípio antropológico e sociológico, convida-nos o Papa a compreender o gênero humano como parte integrante da natureza, pois “isso impede-nos de considerar a natureza como algo separado de nós ou como uma mera moldura da nossa vida”.¹⁶ Pois, tudo o que é referente à natureza é relativo ao homem e assim vice-versa: “o nosso corpo nos coloca em uma relação direta com o meio ambiente e com os outros seres vivos”.¹⁷

Quinto Capítulo – Algumas linhas de orientação e ação. Aqui são apresentadas propostas para o que pode e deve ser feito em benefício do meio ambiente, em nível das políticas internacionais e autoridades competentes que possam traçar novos rumos. Adverte o Papa Francisco que: “a Igreja não pretende definir as questões científicas nem substituir-se à política,

14 Disponível em: <http://pt.radiovaticana.va/news/2015/06/18/laudato_si_um_guiã_para_os_jornalistas>.

15 LS, n. 67.

16 Ibidem, n. 139.

17 Ibidem, n. 155.

mas convido a um debate honesto e transparente, para que as necessidades particulares ou as ideologias não lesem o bem comum”.¹⁸

Sexto Capítulo – Educação e espiritualidade ecológicas. O último capítulo propõe um processo de conversão e reformulação dos hábitos e comportamentos, apostando em uma mudança nos estilos de vida.¹⁹ Apresenta o Pontífice os meios para articulação e aplicação da Encíclica: “a escola, a família, os meios de comunicação, a catequese”.²⁰

Crê o Papa que a única forma de mudança da realidade relativa ao meio ambiente é a educação, a criação da consciência e responsabilidade concernentes ao homem. Adverte Francisco que tudo isso só é possível à luz da espiritualidade, da tomada de consciência da obra da criação e a relação criatura e Criador, e assim “voltar a sentir que precisamos uns dos outros, que temos uma responsabilidade para com os outros e o mundo, que vale a pena ser bons e honestos”.²¹ Confia o Romano Pontífice a realização de seus ensinamentos, propostos na *Laudato Si'*, aos auxílios da Virgem Maria, à qual dedica o item número 241 do documento, que neste artigo será tratado na íntegra. O texto encerra-se com duas orações, uma dirigida aos que creem num “Deus Criador Onnipotente”²² e outra específica aos cristãos, para que assumam os “compromissos para com a criação que o Evangelho de Jesus nos propõe”.²³

O número 241: Maria na *Laudato Si'*

A menção a Nossa Senhora, na Carta Encíclica *Laudato Si'*, é expressa de modo específico no item número 241. Neste texto, o Pontífice, de modo análogo, compara Maria com a temática do cuidado do meio ambiente, relacionando-a em sua imagem ecológico-apocalíptica, à mulher “vestida de sol, com a lua debaixo dos pés e com uma coroa de doze estrelas na cabeça” (Ap 12,1). Imagem da Igreja celeste, arquétipo da vida futura, Maria tem muito a nos ensinar sobre o cuidado que devemos ter com a casa comum. Pois aquela que em sua vida terrena zelou pela casa de Nazaré, formou e educou o Filho de Deus, não terá nada a nos ensinar sobre o cuidado para com o mundo criado? A serva fiel, que em tudo buscou cumprir a vontade do Senhor, não nos ensinará como manter uma relação visceral

18 Ibidem, n. 188.

19 Ibidem, n. 203-208.

20 Ibidem, n. 213.

21 Ibidem, n. 229.

22 Ibidem, n. 246.

23 Idem.

com o Criador? São esses os questionamentos propostos pelo Papa para uma reflexão que nos permita contemplar uma Maria terrena, que vivenciou as ansiedades humanas e enfrentou as intempéries climáticas e geográficas de seu tempo. Uma mulher que calcou os pés no chão pedregoso; que sentiu em sua pele o calor do sol dos dias de verão; que sentiu em sua face a brisa suave do vento, das tardes de outono; que quando menina corria em meio à chuva; que contemplava a lua e as estrelas, nas noites claras; que plantara e que colhera, e (por que não?) cultivara um belo jardim, cercado por São José, o mais florido de toda Nazaré. Por que não ilustrar o modo como Maria viveu? A imaginação é um recurso fabuloso que o Criador nos concedeu. Não podemos incorrer em uma rigidez teológica, pois corremos o risco de uma “racionalização marial”, uma compreensão teológica e racional de uma Maria divinizada. Às vezes, é preciso esvaziar-se de todos os conceitos teóricos e sistemáticos e partir para a simplificação, para o lúdico. Esse é o ponto fulcral da referência a Nossa Senhora, na proposta do Papa Francisco. Quer o Papa que olhemos Maria além da Rainha do Céu e da Terra; deseja ele ir além, criar perspectivas para que também a contemplemos como a Rainha de toda a criação. Vejamos o que ele nos diz:

Maria, a mãe que cuidou de Jesus, agora cuida com carinho e preocupação materna deste mundo ferido. Assim como chorou com o coração trespassado a morte de Jesus, assim também agora se compadece do sofrimento dos pobres crucificados e das criaturas deste mundo exterminadas pelo poder humano. Ela vive, com Jesus, completamente transfigurada, e todas as criaturas cantam a sua beleza. É a Mulher “vestida de sol, com a lua debaixo dos pés e com uma coroa de doze estrelas na cabeça” (Ap 12,1). Elevada ao céu, é Mãe e Rainha de toda a criação. No seu corpo glorificado, juntamente com Cristo ressuscitado, parte da criação alcançou toda a plenitude da sua beleza. Maria não só conserva no seu coração toda a vida de Jesus, que “guardava” cuidadosamente (cf. Lc 2,51), mas agora compreende também o sentido de todas as coisas. Por isso, podemos pedir-Lhe que nos ajude a contemplar este mundo com um olhar mais sábio.²⁴

Adverte-nos o Papa nesse parágrafo que Maria continua a zelar pelos seus e a cuidar “com carinho e preocupação”, características próprias de uma mãe. Tendo sido glorificada no Céu, Maria não se esqueceu dos seus que na terra continuam a labutar. A maternidade divina se estende ao gênero humano como maternidade adotiva de Maria. Assim como Deus prometeu vasta descendência a Abraão, na terra só fez crescer a raça de Maria. Uma mãe sensibilizada com seus filhos e que “agora se compadece do sofrimento dos pobres crucificados e das criaturas deste mundo exterminadas pelo poder humano”. O auxílio de Maria é consolo para muitos, que só têm a ela a quem recorrer, pois não podem mais esperar de ninguém. Digamos, como nos ensina Santo

24 Ibidem, n. 241.

Afonso Maria de Ligório: “Maria, o vosso nome é a minha defesa”. Quantos hoje são os crucificados e macerados por sistemas corruptos e enganados por utopias ideológicas que no fim promovem apenas o mal e o extermínio? Assim, outrora, como Maria tomou em seus braços o corpo inerte de seu Jesus, ela hoje toma em seus braços os corpos fatigados de seus filhos que, cansados do labor desta vida, somente nela encontram amparo.

Glorificada no Céu, “ela vive, com Jesus, completamente transfigurada, e todas as criaturas cantam a sua beleza”. Cantam porque, como expressaste em teu sublime cântico, “doravante as gerações todas me chamarão de bem-aventurada” (Lc 1,48). Glorificada, Maria, é o arquétipo da vida futura, sinal escatológico da Igreja celeste, figura daquilo que seremos no Céu. Expressa ela uma imagem ecológico-apocalíptica: É a Mulher “vestida de sol, com a lua debaixo dos pés e com uma coroa de doze estrelas na cabeça” (Ap 12,1). Assim, como na mitologia, as ninfas são guardiãs dos bosques e florestas, no cristianismo, Maria ocupa o lugar e representação da guardiã por excelência da natureza, a nova Eva no novo Éden. “Elevada ao Céu, é Mãe e Rainha de toda a criação”. Como assevera o Concílio Vaticano I: “O mundo foi feito para a glória de Deus”.²⁵ O mundo criado no primeiro *Fiat* está destinado a se realizar na plenitude do segundo *Fiat*. O primeiro era o “faça-se de Deus”, o último, o “cumpra-se de Maria”. “No seu corpo glorificado, juntamente com Cristo ressuscitado, parte da criação alcançou toda a plenitude da sua beleza”. A encarnação do Verbo é o dia da nova criação, o novo gênesis. E “quem segue Jesus aprende dele a respeitar os lírios do campo e as aves do céu e a viver em comunhão com tudo o que existe”.²⁶ Maria é o jardim de Deus, o qual ele, como hábil jardineiro, cultivou para ser o habitat de seu Filho. Deus é um cultivador das mais perfumadas rosas. O odor de suas flores é a santidade. E dentre as mais perfumadas e belas desponta Maria. A rosa magna que, solitária, vale por mil roseiras. Pois, sendo a rosa perfeita, conhece como se cultiva. “Por isso, podemos pedir-lhe que nos ajude a contemplar este mundo com um olhar mais sábio”.

Ao longo de todo o número 241 da *Laudato Si'*, o Papa, de modo poético e teológico, descreve a doce participação da Virgem no seu intento de criar nos homens a consciência do cuidado com a casa comum. Confiou a Maria, o Pontífice, os auxílios necessários para que os homens despertem e sejam sábios; para que zelem da obra da criação, entre o já e ainda não de Cristo; para que, quando ele aqui voltar, encontre um novo Éden, que

25 CONCÍLIO VATICANO I, Constituição Dogmática *Dei Filius* (DF), cap. I.

26 FORTE, Bruno. *Breve introdução à vida cristã*. São Paulo: Edições Paulinas, 2013, p...

fora cultivado pelos homens de boa vontade. Segue-se o número 242, que inusitadamente ao costume de dedicar o texto final ao patrocínio exclusivo de Nossa Senhora, dedicou-se também aos auspícios de São José, que aqui poderíamos classificar como “coisas” de Francisco. Nesse parágrafo, o Pontífice destaca a figura de São José como homem comprometido com a obra da Salvação, através de seu cuidado com a família de Nazaré. Apreciamos o texto na íntegra:

E ao lado d’Ela, [Maria] na sagrada família de Nazaré, destaca-se a figura de São José. Com o seu trabalho e presença generosa, cuidou e defendeu Maria e Jesus e livrou-os da violência dos injustos, levando-os para o Egito. No Evangelho, aparece descrito como um homem justo, trabalhador, forte; mas, da sua figura, emana também uma grande ternura, própria não de quem é fraco, mas de quem é verdadeiramente forte, atento à realidade para amar e servir humildemente. Por isso, foi declarado protetor da Igreja universal. Também Ele nos pode ensinar a cuidar, pode motivar-nos a trabalhar com generosidade e ternura para proteger este mundo que Deus nos confiou.²⁷

Nesses dizeres, o Papa Francisco ressalta sua devoção peculiar ao Patriarca da casa de Nazaré. E também aos seus auxílios recorre para que os objetivos da *Laudato Si'* alcancem êxito na prática. “Também ele [São José] nos pode ensinar a cuidar, pode motivar-nos a trabalhar com generosidade e ternura para proteger este mundo que Deus nos confiou”. É certo que, contando com os auxílios de Jesus, Maria e José, podemos alcançar o triunfo na aspiração desejada.

O Papa Francisco e a devoção a Nossa Senhora

O Papa Francisco tem nos surpreendido com as manifestações de sua devoção a Nossa Senhora. Demonstra ele ser realmente um Papa mariano, assim como seus predecessores São João Paulo II e Bento XVI, desde o início de seu pontificado, quando saiu no balcão da Basílica de São Pedro e anunciou que, no dia seguinte, após sua eleição, iria à Basílica de Santa Maria Maior para rezar, agradecer e suplicar bênçãos à *Salus Populi Romani* (protetora do povo romano). Demonstrou assim que todo seu pastoreio à frente da Sé de Pedro contaria com a intercessão da Virgem Maria. Sinalizou que seu pontificado seria de intensa oração à Mãe de Deus. Em seu brasão pontifício, traz estampada no escudo a imagem da estrela, que na tradição heráldica simboliza Maria, estrela da nova evangelização.

27 LS, n. 242.

Ao longo de seu pontificado, tem expressado seu amor filial a Nossa Senhora, como por ocasião de sua visita ao Brasil, ocorrida durante a Jornada Mundial da Juventude (2013), quando, em visita ao Santuário Nacional de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, rezou e expressou sua gratidão. “Quanta alegria me dá vir à casa da Mãe de cada brasileiro, o Santuário de Nossa Senhora Aparecida”.²⁸ Foi marcante seu desejo de receber, em Roma, a visita da imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima e oportunamente rezar-lhe: “Bem-Aventurada Virgem Maria de Fátima, com renovada gratidão pela Vossa presença maternal (...) Aceitai, com a compaixão de Mãe, o acto [sic] de entrega que hoje fazemos confiadamente perante esta Vossa imagem que a nós é tão querida”.

Outro gesto – que se enquadra no que chamo “coisas” de Francisco – é o costume de benzer-se diante das imagens da Virgem ou osculá-las. Em suas homilias, o Pontífice faz sempre uma referência à Virgem. E tornou-se tradição, antes e depois de todas as suas viagens, uma breve visita e oração na Basílica de Santa Maria Maior e depositar flores diante do ícone da *Salus Populi Romani*. Com seus gestos, o Papa Francisco nos adverte a cultivar uma sadia devoção filial a Nossa Senhora. Assim, a partir de seus gestos, possamos aprender o real sentido e importância de Maria na vida cristã. E tenhamos sempre em mente a máxima de Santo Afonso Maria de Ligório: “Um verdadeiro devoto de Maria Santíssima jamais se perde”.²⁹

Questões para reflexão individual ou em comunidade

1. Quando li a Carta Encíclica *Laudato Si'*, eu a refleti na perspectiva mariana? A partir da reflexão deste texto, quais os contributos de Maria para a ecologia? De que modo a devoção a Nossa Senhora pode ajudar na aplicação da *Laudato Si'*?
2. O Papa Francisco nos demonstra que devemos nutrir um carinho filial a Maria. Que relação, comunitária ou individualmente, tenho mantido com Nossa Senhora? Cultivo ainda, comunitária ou individualmente, alguma devoção ou prática mariana?
3. A partir de tudo o que foi expresso no artigo e, à luz da devoção do Papa Francisco, de que forma, comunitária ou individualmente, posso crescer na devoção a Maria? Que compromissos e iniciativas posso assumir para nutrir minha devoção a Nossa Senhora?

28 Homília do Papa Francisco no Santuário Nacional de Aparecida, 24 de julho de 2013.

29 Glórias de Maria.

78 Referências

Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus Editora, 2015.

Compêndio do Concílio Vaticano II. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2005. FORTE, Bruno. *Breve introdução à vida cristã*. São Paulo: Edições Paulinas, 2013.

FRANCISCO. Carta Encíclica *Laudato Si'*. São Paulo: Edições Paulinas, 2015.

LIGÓRIO, Santo Afonso Maria de. *Glórias de Maria*. São Paulo: Editora Santuário, 2005.

_____. *Visitas a Jesus Sacramentado e a Nossa Senhora*. São Paulo: Editora Santuário, 2011.

OLIVEIRA, André Luiz. *Contemplando a Ladainha de Nossa Senhora*. Passos: Editora Offset São Paulo, 2010.